

NOVELLAE ★ OLIVARUM

NÚMERO ESPECIAL

ANO VIII / NOVEMBRO 1950 / NÚMERO 79

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — JOÃO ALVES
Redactor — MANUEL LUÍS
Proprietário e Editor — RUY CORRÊA LEAL
Administrador — MÁRIO RAFAEL MARTINS DA CUNHA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 20$00

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

SUMÁRIO

A abrir — Em louvor de Maria — Cónego José Amaro Teixeira 169

Constituição Apostólica — «*Munificentissimus Redemptor*» — Excertos 171

Ó Gloriosa Domina — Cónego António de Figueiredo Sarmento 178

O Coração Imaculado de Maria — Padre Doutor Francisco Wakkers SS. CC. 185

Beata Pacis Visio — Padre João de Sousa 190

Na Assunção de N. Senhora — Sermão de S. Bernardo 195

Auto da Assunção — Padre José Viçoso Freire 199

Alguns Poetas de N. Senhora — António Jorge Martins 209

Sonho e Fé — poesia — Bernardo Xavier Félix 219

De como se viveu no Seminário a solene definição do Dogma — Cronista 220

E. PINTO BASTO & C.A, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS
CARVÃO
SEGUROS
REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)
EXPORTAÇÕES
TRANSITÁRIOS
ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.A, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme a norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Pôrto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PÔRTO

ROSSIO, 93, 2.°
LISBOA

CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA

"Munificentissimus Deus"

pela qual foi definido o dogma da Assunção de Nossa Senhora em corpo e alma ao Céu

(EXCERTOS)

PIO, BISPO – Servo dos servos de Deus – para perpétua memória

Deus munificentíssimo, que tudo pode, e cujos planos de providência são cheios de sabedoria e de amor, nos seus imprescrutáveis desígnios, entremeia na vida dos povos e dos indivíduos as dores com as alegrias, para que por diversos caminhos e de várias maneiras tudo coopere para o bem dos que o amam (cf. *Rom.* 8, 28).

O Nosso Pontificado, assim como os tempos actuais, tem sido assediado por inúmeros cuidados, preocupações e angústias, causadas por grandes calamidades e por muitos que andam afastados da verdade e da virtude. Mas é para Nós de grande conforto ver como, à medida que a fé católica se manifesta pùblicamente cada vez mais activa, aumenta também cada dia o amor e a devoção para com a Mãe de Deus. Este facto permite augurar quase por toda a parte uma vida melhor e mais santa. E assim sucede que, por um lado, a Santíssima Virgem desempenhe amorosamente a sua missão de Mãe para com os que foram remidos pelo sangue de Cristo, e por outro as inteligências e os corações dos filhos são estimulados a uma mais profunda e diligente contemplação dos seus privilégios.

De facto, Deus que desde toda a eternidade olhou para a Virgem Maria com particular e pleníssima complacência, quando chegou a plenitude dos tempos (*Galat.* 4, 4) actuou o plano da Sua Providência de forma que refulgissem com perfeitíssima harmonia os privilégios e prerrogativas que com suma liberalidade lhe concedera. A Igreja sempre reconheceu esta grande liberalidade e a perfeita harmonia de graças, e durante o decurso dos séculos sempre procurou estudá-la melhor. Nestes nossos tempos refulgiu com luz mais clara o privilégio da Assunção corpórea da Mãe de Deus.

... ...

PETIÇÕES PARA A DEFINIÇÃO DOGMÁTICA

De facto, sucedeu que não só os simples fiéis, mas até aqueles que, em certo modo personificam as Nações ou as províncias eclesiásticas, e mesmo não poucos Padres do Concílio Vaticano pediram instantemente à Sé Apostólica esta definição.

Com o decurso do tempo estas petições e votos não diminuiram, antes foram aumentando de dia para dia em número e insistência. Com este fim fizeram-se cruzadas de orações; muitos e exímios teólogos intensificaram com ardor os seus estudos sobre este ponto, quer em privado, quer nas Universidades eclesiásticas ou nas outras escolas de disciplinas sagradas; celebraram-se em muitas partes Congressos Marianos nacionais ou internacionais. Todos estes estudos e investigações mostraram com maior realce que no depósito da fé cristã confiado à Igreja também se encontrava a Assunção da Virgem Maria ao Céu. E de ordinário a consequência foi enviarem súplicas em que se pedia instantemente a definição solene desta verdade.

Acompanhavam os fiéis nesta piedosa insistência os seus sagrados Pastores, os quais dirigiram a esta Cadeira de S. Pedro semelhantes petições em número muito considerável. Quando fomos elevado ao Sumo Pontificado, já tinham sido apresentadas a esta Sé Apostólica muitos milhares destas súplicas vindas de todas as partes do Mundo e de todas as classes de pastores: dos nossos amados Filhos Cardeais do Sacro Colégio, dos nossos Veneráveis Irmãos Arcebispos e Bispos, das Dioceses e das paróquias.

Por este motivo, ao mesmo tempo que dirigíamos a Deus intensas súplicas, para que concedesse à Nossa mente a luz do Espírito Santo para decidirmos uma causa tão importante, estabelecemos normas especiais em

que determinámos que se procedesse com todo o cuidado a um estudo mais rigoroso da matéria, e se reunissem e examinassem todas as petições relativas à Assunção da Santíssima Virgem, enviadas à Sé Apostólica desde o tempo do Nosso Predecessor de feliz memória Pio IX, até ao presente (*Petitiones de Assumptione corporea B. Virginis Mariae in coelum definienda ad S. Sedem delatae;* 2 vol. Typis Polyglotis Vaticanus, 1942).

CONSULTA AO EPISCOPADO

Mas como se tratava de assunto de tanta importância e transcendência julgámos oportuno rogar directa e oficialmente a todos os Nossos Veneráveis irmãos no Episcopado, que Nos quisessem manifestar explìcitamente a sua opinião. Para tal fim, no dia 1 de Maio de 1946, dirigimos-lhes a carta «Deiparae Virginis Mariae» em que perguntávamos: «Se vós, Veneráveis Irmãos, na vossa exímia sabedoria e prudência, julgais que a Assunção Corpórea da Santíssima Virgem pode ser proposta e definida como dogma de fé, e se desejais que o seja, tanto Vós como o vosso clero e fiéis».

E aqueles que «o Espírito Santo colocou como Bispos para reger a Igreja de Deus» (Act. 20, 28) quase inânimemente deram resposta afirmativa a ambas as perguntas.

DOUTRINA CONCORDE DO MAGISTÉRIO DA IGREJA

Esta «singular concordância dos Bispos e fiéis» (*Bula Ineffabilis Deus, Acta Pii IX*, p. I, vol. I p. 615) em julgar que a Assunção corporal ao Céu da Mãe de Deus podia ser definida como dogma de fé, mostra-nos a doutrina concorde do Magistério ordinário da Igreja, e a fé igualmente concorde do povo cristão — que aquele Magistério sustenta e dirige —, e por isso mesmo manifesta de modo certo e imune de erro que tal privilégio é verdade revelada por Deus e contida no depósito divino que Jesus Cristo confiou à sua Esposa para o guardar fielmente e infalìvelmente o declarar (Cfr. Conc. Vat. *De fide catholica* cap. 4). De facto, esse Magistério da Igreja, não por estudo meramente humano, mas pela assistência do Espírito de Verdade (cfr. *I.* 14, 26), e portanto absolutamente sem nenhum erro, desempenha a missão que lhe foi confiada de conservar sempre puras e íntegras as verdades reveladas; e pelo mesmo motivo transmite-as sem contaminação e sem lhes ajuntar nem subtrair nada. «Pois, — como ensina o Concílio Vaticano

— o Espírito Santo foi prometido aos sucessores de Pedro não para que, por sua revelação, expusessem doutrinas novas, mas para que, com a sua assistência, aguardassem com cuidado e expusessem fielmente a revelação transmitida pelos Apóstolos, ou seja o depósito da fé» (Conc. Vat. Const. *De Ecclesia Christi*, cap. 4). Por esta razão, do consenso universal do Magistério da Igreja, deduz-se um argumento certo e seguro para demonstrar a Assunção corpórea da Bem-aventurada Virgem Maria.

VERDADE REVELADA POR DEUS

Este mistério, pelo que respeita à glorificação celestial do corpo da augusta Mãe de Deus, não podia ser conhecido por nenhuma faculdade da inteligência humana só com as forças naturais. É portanto verdade revelada por Deus, e por esta razão todos os filhos da Igreja têm obrigação de a crer firme e fielmente. Pois como, afirma o mesmo Concílio Vaticano, «temos obrigação de crer com fé divina e católica, todas as coisas que se contêm na palavra de Deus escrita ou transmitida oralmente, e que a Igreja, com selene definição ou com o seu Magistério ordinário e universal, nos propõe para crer, como reveladas por Deus» (*De fide catholica*, cap. 3).

TESTEMUNHOS DE CRENÇA NA ASSUNÇÃO

Desde tempos remotíssimos, pelo decurso dos séculos, aparecem-nos testemunhos, indícios e vestígios desta fé comum da Igreja; fé que se manifesta cada vez mais claramente.

Os fiéis, guiados e instruídos pelos Pastores, souberam por meio da Sagrada Escritura que a Virgem Maria, durante a Sua peregrinação terrestre, levou vida cheia de cuidados, angústias e sofrimentos; e que, segundo a profecia do Santo Velho Simeão, uma espada de dor lhe traspassou o coração, junto da cruz do seu Divino Filho e nosso Redentor. E do mesmo modo, não tiveram dificuldade em admitir que, à semelhança do seu unigénito Filho, também a excelsa Mãe de Deus morreu. Mas esta persuassão não os impediu de crer expressa e firmemente que o seu Sagrado Corpo não sofreu a corrupção do sepulcro, nem foi reduzido a podridão e cinzas, aquele tabernáculo do Verbo Divino. Pelo contrário, os fiéis iluminados pela graça e abrasados de amor para com aquela que é Mãe de Deus e nossa Mãe dulcíssima, compreenderam cada vez com maior clareza a maravilhosa

harmonia existente entre os privilégios concedidos por Deus Àquela que o mesmo Deus quis associar ao nosso Redentor. Estes privilégios elevaram-na a uma altura tão grande, que não foi atingida por nenhum ser criado, exceptuada sòmente a natureza humana de Cristo.

... ...

OPORTUNIDADE DA DEFINIÇÃO

Considerando que a Igreja universal, — que é assistida pelo Espírito de Verdade que a dirige infalìvelmente para o conhecimento das verdades reveladas — no decurso dos séculos manifestou de tantas formas a sua fé; considerando que os Bispos de todo o mundo quase unânimemente pedem que seja definida como dogma de fé divina e católica a verdade da Assunção corpórea da Santíssima Virgem ao Céu, considerando que esta verdade se funda na Sagrada Escritura, está profundamente gravada na alma dos fiéis, e desde tempos antiquíssimos é comprovada pelo culto litúrgico, e concorda, inteiramente, com as outras verdades reveladas, e tem sido esplêndidamente explicada e declarada pelo estudo, sabedoria e prudência dos teólogos — julgamos chegado o momento estabelecido pela Providência de Deus, para proclamarmos solenemente este privilégio insigne da Virgem Maria.

Nós, que colocámos o Nosso Pontificado sob o especial patrocínio da Santíssima Virgem, à qual recorremos em tantas circunstâncias tristes, Nós, que consagrámos pùblicamente todo o género humano ao seu Imaculado Coração, e que experimentámos muitas vezes o seu poderoso patrocínio, confiamos firmemente que esta solene proclamação e definição será de grande proveito para a humanidade inteira, porque reverte em glória da Santíssima Trindade, à qual a Virgem Mãe de Deus está ligada com laços muito especiais. É de esperar também que todos os fiéis cresçam em amor para com a Mãe celeste, e que os corações de todos os que se gloriam do nome de cristãos, se movam a desejar a união com o Corpo Místico de Jesus Cristo, e que aumentem no amor para com Aquela que tem amor de Mãe para com os membros do mesmo augusto Corpo. E também é lícito esperar que ao meditarem nos exemplos gloriosos de Maria, mais e mais se persuadam todos do valor da vida humana, se for consagrada ao cumprimento integral da vontade do Pai Celeste e a procurar o bem do próximo. Enquanto o materialismo e a corrupção de costumes que dele se origina,

ameaçam subverter a luz da virtude, e destruir vidas humanas, suscitando guerras, é de esperar ainda que este luminoso e incomparável exemplo, posto diante dos olhos de todos, mostre com plena luz qual o fim a que se destinam a nossa alma e o nosso corpo. E inalmente esperamos que a fé na Assunção corpórea de Maria ao Céu torne mais firme e operativa, a fé na nossa própria ressurreição.

E é para nós motivo de imenso regozijo que este facto, por Providência de Deus, se realize neste Ano Santo que está a decorrer, e que assim possamos, enquanto se celebra este Jubileu maior, adornar com esta pedra preciosa a fronte da Virgem Santíssima, e deixar um monumento mais perene que o bronze da Nossa ardente devoção para com a Mãe de Deus.

DEFINIÇÃO DOGMÁTICA

Pelo que, depois de termos dirigido a Deus repetidas súplicas, e de termos invocado a luz do Espírito de Verdade, para glória de Deus omnipotente que à Virgem Maria concedeu a sua especial benevolência, para honra do seu Filho, Rei imortal dos séculos e triunfador do pecado e da morte, para aumento da glória da sua augusta Mãe, e para gozo e júbilo de toda a Igreja, com a autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos Bem-aventurados Apóstolos S. Pedro e S. Paulo e com a Nossa, pronunciamos, declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que: A IMACULADA MÃE DE DEUS, A SEMPRE VIRGEM MARIA, TERMINADO O CURSO DA VIDA TERRESTRE FOI ASSUNTA EM CORPO E ALMA À GLÓRIA CELESTIAL.

Pelo que, se alguém, o que Deus não permita, ousar, voluntàriamente negar ou pôr em dúvida esta Nossa definição, saiba que naufraga na fé divina e católica.

Para que chegue ao conhecimento de toda a Igreja esta Nossa definição da Assunção corpórea da Virgem Maria ao Céu, queremos que se conservem estas letras para perpétua memória; mandamos também que aos seus transuntos ou cópias, mesmo impressas, desde que sejam subscritas pela mão de algum notário público, e munidas com o selo de alguma pessoa constituída em dignidade eclesiástica, se lhes dê o mesmo crédito que às presentes se fossem apresentadas e mostradas.

A ninguém pois seja lícito infringir esta nossa declaração, proclamação e definição, ou temeràriamente opor-se-lhe e contrariá-la. Se alguém pre-

sumir tentá-lo, saiba que incorre na indignação de Deus Omnipotente e dos Bem-aventurados Apóstolos S. Pedro e S. Paulo.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, no ano do Jubileu maior, mil novecentos e cinquenta, no dia primeiro de Novembro, festa de Todos os Santos, no ano duodécimo do Nosso Pontificado.

EU PIO

BISPO DA IGREJA CATÓLICA

assim definindo prescrevi

(*) Tradução do Diário Católico «Novidades» (Com a devida autorização).

Ó Gloriosa Domina!...

A Virgem Santa Maria aparece-nos na luz do Evangelho, nimbada com o fulgor da Maternidade divina.

É S. Lucas quem no-la apresenta ao narrar a Incarnação do Verbo, ou antes, a mensagem do Arcanjo S. Gabriel que a anunciou a Nossa Senhora.

A última menção que dela se faz é também de S. Lucas, nos Actos, ao dizer como os Apóstolos se estavam a preparar para o Pentecostes.

Aparece a Senhora nos dois Natais: o de Jesus Nosso Senhor em Belém e o da Igreja no Cenáculo.

Passa a Virgem Santa Maria nas páginas sagradas envolta em prestígio e veneração singulares. É a Mãe de Jesus. É a Mãe do Salvador. Está identificada com Ele, unida a Ele não só na relação de Mãe e Filho mas na cooperação para o mesmo fim.

O Arcanjo S. Gabriel sauda-A em termos que excedem o louvor devido a homens. É que Ela tem uma missão na vida que transcende absolutamente os fins naturais do homem. A maternidade em que vai ser investida é divina, é obra directa do Criador. O Filho da Virgem Maria será o Filho de Deus.

Santa Isabel é esclarecida pelo Espírito Santo sobre a dignidade excelsa da Virgem Santa Maria e presta um acto de culto — o primeiro que saíu de coração humano — em que se proclama que Aquela não é como as outras mulheres mas é bendita entre todas.

Foi também o Espírito Santo que levou a mulher anónima a louvar pùblicamente a Mãe de Jesus: «Bendito o seio que te trouxe, Bendito o peito que te amamentou».

O Filho e a Mãe aparecem entre os homens, envoltos no mesmo amor, consagrados ao mesmo fim.

* * *

Os Evangelhos não contam como veio a este mundo Nossa Senhora nem como se ausentou dele.

Nenhum escrito dos primeiros séculos da Igreja, hoje conhecido, nos diz como se terminou o curso terrestre de Santa Maria.

Sabemos, todavia, ser crença da Igreja que o corpo puríssimo de Nossa Senhora não conheceu a corrupção do túmulo e foi levada, viva e gloriosa, para o céu.

Esta crença universal é testemunhada larga e variadamente.

a) *Literatura.* O 1.º depoimento é do séc. IV. Timóteo, presbítero, de Jerusalém, refere-se à Assunção nestes termos «Virgo usque adhuc immortalis est, cum qui inhabitaverat eam in loca assumptionis traduxerit». A partir do sec. VI multiplicam-se os documentos escritos. O concílio de Efeso marca uma época no estudo teológico de Nossa Senhora.

A partir dele surgem mais testemunhos da Assunção.

S. Gregório de Tours († 593), João de Tessalonica († 630), S. Modesto de Jerusalém († 614), S. André de Creta, S. Germano de Constantinopla († 733), S. João Damasceno († 760), etc., etc.

b) *Liturgia*: A festa da Assunção de Nossa Senhora é antiquíssima em todas as liturgias.

c) O mistério da Assunção de Nossa Senhora foi reconhecido e venerado pela dedicação de muitíssimos templos que a têm como titular.

Entre nós assim sucede com os templos mais nobres — as Sés episcopais.

d) Veneração de imagens evocativas do mistério.

e) Consagração de institutos religiosos.

f) Onomástica. É muito frequente o nome próprio Assunção, principalmente ligado a outro nome, Maria, Ana, etc.

g) A ascese oficial — Vigília da Assunção.

h) Devoção e oração particular, v. g. o 14.º mistério do Rosário.

Nesta crença universal, ininterrupta, unânime, viva, sente-se o arfar inefável do Espírito Santo, alma puríssima da Santa Igreja, luz indefectível da verdade divina a brilhar em actos de louvor e ensino.

Uma crença assim não é uma aspiração natural, uma espécie de intuição de verdade ou caminho para ela mas a prova duma verdade de fé, ou seja de verdade revelada.

Ora a verdade divinamente revelada contém-se na Sagrada Escritura ou na Tradição Apostólica.

Donde hauriu a Igreja o conhecimento do mistério sobrenatural que é o de Nossa Senhora não estar sujeita à lei comum da dissolução da pessoa humana pela morte, até à ressurreição final mas, pelo contrário, chegada a hora de saír do mundo, o fez na integridade da pessoa, corpo e alma glorificados e triunfalmente elevados ao céu?

TRADIÇÃO APOSTÓLICA

S. João soube, e os demais Apóstolos também, quando e como se deu o prodígio.

Não quis, porém, a Providência divina, entregar à Igreja o testemunho escrito da tradição Apostólica, nos primeiros séculos.

Talvez para forçar os teólogos, como os pesquisadores de minério oculto nas entranhas da terra, a debruçarem-se sobre as Escrituras Sagradas, estimulados pelo desejo da verdade que o Espírito Santo acende nos corações de fé...

SAGRADA ESCRITURA

Onde se fala em Nossa Senhora aí estará todo ou parte do mistério.

Fala-se n'Ela logo a princípio — Gen. III, 15.

Vale a pena considerar o quadro portentoso que o livro sagrado nos dá. III, 14-19.

1.º — Adão e Eva. O primeiro par humano. Progenitores da vida humana, despojados da graça santificante, em pecado.
2.º — O demónio, o pecador por excelência, o inimigo irreconciliável de Deus e inimigo e sedutor de homens.
3.º — Deus, Criador, Senhor, Juiz supremo do bem e do mal, Remunerador universal.
4.º — A sentença temível proferida sobre Adão e Eva; a morte, a dor, a maldição da terra, prolongando-se no tempo pela posteridade de Adão.
5.º — A luta entre o demónio e o homem, a derrota total operada por Alguém sobre quem o demónio nada pode.
6.º — Nossa Senhora, a Mulher Santíssima, privilegiada, vitoriosa em contraste vivo com Eva, vencida.

— A vitória anunciada e prometida por Deus é total. É vitória sobre o Demónio, o pecado e a morte.

Sabemos como se realizou. É a obra de Nosso Senhor Jesus Cristo, Salvador do Mundo.

Nesse texto do Génesis aparece Nossa Senhora como vitoriosa.

A vitória do Filho é dela também. O pecado manchara toda a humanidade contida em Adão, mas Ela foi preservada da mancha pela graça divina.

Colheu as primícias da Redenção, mas de modo singular: foi posta logo no estado de graça e em plenitude. Admirável antecipação, que a Santa Igreja venera com o título de Conceição Imaculada.

Aparece Nossa Senhora no mundo vitoriosa, plenamente vitoriosa da derrocada humana.

Ainda antes de nascer o Salvador, resplandecia n'Ela a salvação — a graça divina.

Vitoriosa sobre quem?

O demónio, o pecado, a morte.

Vitoriosa como quem?

Como o Filho, o Vencedor, o Santo, que ressuscitou e subiu ao Céu, onde reina com o Pai, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos.

Esta vitória está afirmada novamente em S. Lucas na saudação do Arcanjo a Nossa Senhora: «Ave gratia plena; Dominus tecum». Luc. 1, 28.

A passagem do Génesis (15) e esta completam-se e esclarecem-se mùtuamente.

A primeira põe em relevo a santidade de Nossa Senhora mas principalmente no aspecto negativo — a inimizade com o demónio, a ausência do mal, a vitória perfeita (esmagar a cabeça do inimigo . . .) e tudo isto porque (S. Luc.) é «cheia de graça». O Senhor está com Ela. Não há lugar a sombras, a deficiências. A luz que irradia destes textos é incompatível com as trevas da morte, a plenitude neles afirmada é inconciliável com a destruição corporal.

Está implicitamente revelada neles a vitória de Santa Maria sobre a morte.

Ora este mundo é um lugar de passagem, um prólogo da eternidade. É um caminho em que não se para. Se Nossa Senhora não está sujeita à morte e se se ausentou do mundo, é porque certamente subiu ao céu.

Este privilégio que nos assombra, afinal consiste sòmente numa antecipação. Todos os eleitos hão-de subir gloriosamente até ao Trono de Deus,

no dia final. Se a Virgem Santa Maria houvera de aguardar na condição comum da poeira a que nos reduz a morte, onde estava a vitória, onde a plenitude, onde o privilégio da isenção, com todas as consequências?

RAZÃO TEOLÓGICA

E porquê esta isenção do comum regime humano em que foi posta desde o início a Virgem Santa Maria?

Porquê esta plenitude inicial e singular?

Porque singular é a predestinação desta Mulher. Elegeu-A Deus para Mãe do Verbo Incarnado, elevou-A à dignidade de Mãe de Deus.

E assim como é incomparável este estado, ninguém pode comparar-se-Lhe em grandeza e graça. Ninguém pode chamar «Filho» ao Verbo senão Ela e o Pai Eterno, a ninguém o Verbo Criador e Omnipotente chama Mãe, senão a Ela. A Maternidade divina estabelece entre Nossa Senhora e a Trindade Santíssima relação de tal ordem que A eximem absolutamente de tudo o que seja pecado ou sinal de pecado.

O grande sinal de pecado no mundo, patente a todos os olhos, é o horror da corrupção corporal.

Como pode pesar este sinal de maldição sobre a Santa Mãe de Deus?

Se o Filho veio ao mundo, por Ela, para a todos salvar, como não daria a Ela a plenitude dos frutos de salvação, em primícias que fossem o preito do amor e reverência filiais?

Isenta do pecado para ser Mãe de Deus, foi isenta da corrupção porque era Mãe de Deus.

Mãe de Cristo, a divina maternidade de Nossa Senhora não termina na natureza humana de Jesus, considerada em Si mesma, isolada, mas prolonga-se no místico crescimento do Seu corpo, a Igreja. Porque é Mãe de Cristo, é a Mãe da divina graça, Mãe da vida eterna. Como poderia a Mãe da vida ser presa da morte?

Mãe admirável, nova Eva. Mãe dos viventes, como lhe chamam os Padres da Igreja — está ao lado do novo Adão — N. S. Jesus Cristo — cooperando com Ele na regeneração do homem.

Assim como há um contraste flagrante entre o novo e o velho Adão, assim o há entre a nova e a primeira Eva.

Sobre esta caíu a maldição. A Virgem Santíssima é a «Bendita entre as mulheres».

Na maldição de Eva contém-se a morte, na bênção de Nossa Senhora há-de conter-se, necessàriamente, a vida, vida plena, de corpo e alma, como seria a de Eva, embora em menor grau, se a maldição não a empobrecesse.

* * *

Virgem singular. A privilegiada bênção de Nossa Senhora contém uma prerrogativa singular: a perpétua e perfeita virgindade.

Não consiste, esta virgindade, sòmente na integridade corporal comum a todas as virgens mas numa popriedade especialíssima de integridade corporal perfeita coexistindo com a verdadeira maternidade. Uma espécie de incorruptibilidade corporal em paralelo com a pureza da alma, a harmonia dos sentidos, a santidade total.

Pode conceber-se um corpo privilegido tão amorosamente, Arca de Aliança perfeita, Torre de marfim, Casa de oiro, pasto de vermes e alimento de raízes?

* * *

Não cansa a meditação dos privilégios e grandezas de Nossa Senhora, nem se esgota o assunto, mas não pode, agora e aqui, prolongar-se mais.

Pode afirmar-se: Seja qual for o ponto de vista em que nos coloquemos, vemos sempre como termo finál da vida de Nossa Senhora no mundo a gloriosa Assunção ao Céu.

É possível que de muitas das considerações expendidas se diga: razões de conveniência sòmente e não provas.

Talvez...

O que sei é que o contrário seria uma tal «inconveniência», que surge diante do Coração e da Fé como uma hostilidade à Mãe do Amor Formoso, uma ousadia temerária.

Hoje, por graça mimosa de Deus, sobre a crença universal, foi posto o selo da infalibilidade, pela definição pontifícia.

Foi dada razão ao labor teológico, pelo ensino expresso, soleníssimo, da Bula Munificentissimus Deus».

* * *

Mas... Valeria a pena?

Deus nos perdõe se fazemos tal pergunta. O mundo está mais rico porque mais uma verdade tirada do depósito da revelação refulge sem sombras diante dos homens.

E esta verdade interessa a todos porque todos recebemos mais um estímulo para louvar a Deus, admirar a Virgem Maria e agradecer esta grandeza que havemos de partilhar.

Creio na ressurreição! Creio da vida eterna!

P.E A. DE FIG.DO

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

— Jose Maria Bover, S. J., *La Assuncion de Maria, B. A. C.*

— M. Jugie A. A., *Assomption de la S.te Vierge*, in «Maria» Etude sur la S.te Vierge — Beauchesne.

— Pastoral do Venerando Bispo de Lamego. *Novidades* de.

(1) Enchiridion Patristicum — S. Justino, 141, S.to Ireneu, 224, Tertuliano, 358, S.to Efrem 715, S.to Agostinho, 1578, 1644.

O Coração Imaculado de Maria

Na sua Encíclica «Miserentíssimus Redemptor» Pio XI diz que na devoção ao Sagrado Coração de Jesus se encontra a síntese de toda a religião cristã. Anàlogamente podiamos dizer também que todas as devoções marianas estão contidas na devoção ao Coração Imaculado de Maria.

A Santa Sé ao prescrever a Festa deste Imaculado Coração determina com exactidão o objecto da nossa veneração e diz que «debaixo do símbolo deste Coração a Igreja venera a exímia e singular santidade da Mãe de Deus e principalmente o seu ardentíssimo Amor para com Deus e Jesus Cristo seu Filho, e a sua piedade materna para com os homens remidos pelo sangue divino» ([1]). Analisemos brevemente esta afirmação.

1 — O Coração de Maria um símbolo.

É de notar que a Santa Sé nunca adoptou nem aprovou a concepção, aliás tão espalhada e comum, que considera o coração como «o órgão» do amor. A razão é, que assim ela ia tomar posição numa questão fisiológica que quer deixar às disputas dos entendidos; e por sinal, os entendidos abandonam cada vez mais este parecer e colocam o órgão de amor emotivo não no coração mas no cérebro.

O nosso culto é inteiramente independente do resultado final destas controvérsias, porque está acima de todas as dúvidas que o coração é o emblema ou o símbolo do amor, e isto por causa das repercussões que as emoções produzem nele. Podemos dar do símbolo a seguinte descrição: «uma realidade sensível escolhida para representar um valor de ordem

---

([1]) *A. A. Sedis, 1945, pág. 50.*

abstracta». Esta realidade sensível é no nosso caso o coração orgânico de Nossa Senhora como parte real e viva da sua humanidade. Assim vemos que o Papa ao consagrar o mundo ao Coração Imaculado de Maria e ao instituir para toda a Igreja a festa litúrgica deste Coração afirmava, mais uma vez, embora implìcitamente, a realidade da assunção corporal de Nossa Senhora ao Céu.

Pelos fins do século passado houve uma tendência, que hoje em dia está a reaparecer, para introduzir a devoção ao puríssimo Coração de São José. O Bispo de Nantes submeteu ao critério da Sagrada Congregação dos Ritos a invocação: « Cor Sancti Joseph purissimum, ora pro nobis». Em 1873 esta Congregação respondeu: «Monendam esse per epistolam Amplitudinem tuam, cultum cordis Sancti Joseph non esse ab Apostólica sede approbatum». Este decreto figura na «Collectio Authentica» sob o número 3304, e foi confirmado por um rescrito da mesma Sagrada Congregação no qual comunica ao Bispo de Chambéry uma decisão da Sagrada Congregação das Indulgências. O Bispo em questão tinha solicitado indulgências para uma oração em honra do santo coração de São José. A resposta foi: «Cultus cordis sancti Joseph jam a sanctae memoriae Gregorio XVI reprobatus fuit, et idcirco prohibita numismata quae, una cum Sacris Cordibus Jesu et Mariae illud Sancti Joseph exhibent. Hinc admonendus Orator, et forte etiam auctores Ephemeridis «Le Messager de S. Joseph» hanc devotionem non licere». E a razão é simplesmente, que o coração de São José é inexistente. Os modernos propagandistas fariam bem em lembrar-se disto e observar as directivas tão explícitas da Santa Sé.

2 — Estabelecida a verdade que o Coração vivo da Mãe de Deus é venerado como símbolo, vemos ao mesmo tempo que o culto não se destina exclusivamente ao coração mas que de facto se dirige à toda a pessoa de Nossa Senhora. É a pessoa de Maria Santíssima que é venerada no seu Coração por motivo das excelências que este Coração simboliza.

Em primeiro lugar o documento pontifício menciona «a exímia e singular santidade da Mãe de Deus».

Existem entre os teólogos dois modos de explicar o nexo que a santidade tem com o coração que o simboliza.

Uns dizem que o coração é pròpriamente só símbolo de amor, mas como as outras virtudes e perfeições podem, de certo modo, reduzir-se à caridade que as deve informar, podem elas também ser representadas no mesmo símbolo. Constituirão todavia um objecto reductivo e indirecto do

culto ([2]). Este parecer, embora possível, fica excluído pelo texto do nosso documento que menciona directa e explìcitamente a santidade como representada no coração. Por isso outros ([3]) admitem no coração um duplo simbolismo independente, baseado cada um no seu próprio fundamento. O coração simboliza o amor porque lhe sente a repercussão, e simboliza a santidade ou qualquer outra perfeição interior porque é o centro íntimo da nossa vida ([4]).

Seja como for, a santidade que se representa no Coração Admirável da Mãe de Deus é «exímia e singular», e devia mesmo ter estes qualificativos, exactamente por Ela ser a Mãe de Deus. Concebendo a santidade como união com Deus e exclusão de todo o pecado é fácil constatar a sua singularidade em Maria Santíssima. Singular na fase inicial, porque só Ela foi concebida sem pecado, singular no seu progresso, porque só Ela se conservou «ex speciali Dei privilegio» ([5]), imune de qualquer falta venial, singular no seu apogeu que é a assunção triunfal na glória celeste.

3 — O ardentíssimo amor.

Depois da consideração da santidade da Mãe de Deus chegámos ao objecto principal venerado no símbolo do seu Coração, o amor. E este objecto principal é desmembrado? segundo o duplo objecto da caridade, Deus e o próximo.

Notemos ainda, que a proeminência que o decreto menciona não diz respeito à dignidade dos objectos, porque santidade e caridade são formalmente idênticas, mas compara os objectos em relação ao seu símbolo e diz que o símbolo «coração-amor» é mais expressivo que o símbolo «coração-íntimo». Pensando no valor simbólico do Coração de Maria pensamos principalmente no seu amor.

Este amor para com Deus e Jesus Cristo é-nos proposto como «ardentíssimo». Com efeito, o que é que se pode conceber de mais ardente do que o amor desta santíssima Filha para com o Pai infinitamente amável; que há de mais ardente do que o amor desta Esposa integérrima para com seu Esposo adorável; e sobretudo qual é o ardor que se possa comparar

---

([2]) *Terrien La Dévotion au S. Coeur, pág. 93.*
([3]) *Bainvel. Dict. Théol. Cath. art. «Coeur», col. 283.*
([4]) *Cf. «Eis o Coração», pág. 36-39.*
([5]) *Conc. Trid. Denz, n.º 833.*

com o amor desta Mãe Bendita que no sentido literal adora o fruto das suas entranhas virginais?

O que em nós impede o ardor da caridade é o amor próprio em todas as suas manifestações. Se o amor de Deus é como uma atracção que o céu exerce sobre nós — «amor meus pondus meum», dizia S. Gregório —, o amor próprio constitui um contra-peso que nos puxa para a terra. Em Nossa Senhora nunca houve este retardamento, mas Ela amou sempre com todo o ímpeto que o Objecto infinitamente amável desencadeia num coração livre de todos os entraves.

Só ela cumpriu perfeitamente o primeiro e maior dos mandamentos, o de amar a Deus «com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças e com toda a sua inteligência» ([6]).

4 — Finalmente prestamos o nosso culto de hiperdulia a este Coração porque nos representa a piedade materna da Mãe de Deus para com os homens remidos pelo sangue divino.

Piedade materna: a piedade é exactamente aquela virtude, feita ao mesmo tempo de justiça e de amor que regula as relações entre os membros duma mesma família. Contemplando o Coração Imaculado de Maria lembramo-nos que a Mãe de Deus é também a nossa própria Mãe. «Omnium membrorum Christi Sanctissima Genitrix» ([7]).

Como tal Ela exerce para connosco, no plano sobrenatural e espiritual da graça, as mesmas funções que no plano natural competem às mães da terra: conceber, dar à luz e educar os seus filhos.

Ela concebeu-nos no momento em que pronunciou o seu «Fiat!».

«Nas entranhas de Sua Mãe puríssima tomou Cristo a nossa carne e ao mesmo tempo assumiu para si um corpo espiritual, formado por aqueles que haviam de crer nele. Por isso podemos dizer que Maria, ao trazer o Salvador nas suas entranhas, gestava também todos aqueles cuja vida estava incluída na vida do Redentor.

Todos nós, portanto, que estamos unidos a Cristo, e que, no dizer do Apóstolo, somos membros de seu corpo, da sua carne e dos seus ossos, nascemos de Maria, como o corpo que está unido à cabeça. Por isso somos espiritual e sobrenaturalmente filhos de Maria, e é Ela a Mãe de todos nós.

([6]) *Luc. 10. 27.*
([7]) *Pio XII. Encic. Mystici Corporis.*

Mãe segundo o espírito, mas Mãe no sentido rigoroso dos membros de Cristo que nós somos» ([8]).

Depois deu-nos à Luz no Calvário, como diz Leão XIII: «A Santíssima Virgem é Mãe de todos os cristãos, pois deu-nos à luz no Calvário, no meio das mais atrozes dores do Salvador» ([9]). De facto o nosso nascimento para a vida da graça coloca-nos sacramentalmente no Calvário, no momento em que Cristo morreu «in morte ipsius baptizati sumus» ([10]). E lá estava a nossa Mãe, não só passiva, não só compassiva, mas activamente associada como co-redentora à obra da nossa regeneração.

Finalmente esta Nova Eva, Mãe de todos os vivos continua na sua piedade materna a velar sobre os seus filhos conduzindo-os à estatura de homens perfeitos em Cristo. Omnipotência suplicante, Ela acompanha-os em todas as suas necessidades, até ver neles a graça obter o seu êxito final, que é a entrada definitiva na Casa Paterna.

Quantas razões para nos confiarmos plenamente neste Coração Materno e nos consagrarmos a ela irrevogàvelmente e sem reservas!

FREI FRANCISCO
SS. CC.

([8]) *Pio X. «Ad diem illum».*
([9]) *Leão XIII. «Quamquam pluries».*
([10]) *Rom. 6. 3.*

"Beata Pacis visio"

Mistica visão de Paz num mundo em guerra

Naquele domingo, à noite, a voz do P.e Lombardi ressoava nas arcadas do Coliseu, onde uma multidão de militantes da Acção Católica de Roma se havia reunido, à luz trémula e recolhida de uma grande Cruz iluminada, numa «hora mariana» de preparação para a grandiosa festa de 1 de Novembro. Frente à arena onde milhares de irmãos imolaram a vida em defesa da fé, a Juventude Cristã de Roma entoa o *Credo* num coro juvenil, cheio de firmeza e convicção. E depois da recitação do terço, a palavra de Deus pela boca do orador mais popular de Itália, cai sobre aquelas almas como orvalho purificador. *Todas as almas em graça, para dignamente cantarem os louvores da Mãe de Deus! Uma só, uma só que estivesse em pecado seria uma sombra negra no quadro maravilhoso que nesta Cidade se vai desenrolar.* Foi à volta deste pensamento que o P.e Lombardi falou uma hora e dez minutos.

Que esplendorosa aquela procissão da Madona «Salus Populi Romani» que, dias depois percorreu algumas avenidas de Roma, desde a Igreja Ara Cœli até à Basílica de S. Pedro! 20.000 Sacerdotes, mais de 5.000 escutas, muitos milhares de homens e rapazes da Acção Católica com centenas de belíssimos estandartes, centenas de organizações de Piedade, e atrás do quadro da Madona, uma avalanche de povo, o povo anónimo mas respeitoso, cantando cheio de fé o cântico mariano mais popular de Itália: *Ó Santa Vergine, prega per me!*

Estas duas grandes cerimónias religiosas vincaram bem no espírito dos romanos e de quantos se encontravam na Cidade Eterna, a transcendência da festa que se aproximava.

* * *

Dia 1 de Novembro. — A cidade acordou muito cedo, se é que, naquela noite, havia adormecido. Alta madrugada e já formigueiros humanos atravessavam as pontes do Tigre em direcção à Praça de S. Pedro. Em flagrante contraste com a véspera, o dia amanheceu claro e límpido. Céu azul sem uma nuvem. Um sol primaveril que aquecia sem queimar. E, sobre a cúpula magestosa do Vaticano (quem havia de pensar?) a irmã Lua, contemplando, envolta em mistério, o mais grandioso acontecimento do século XX!

Oito e trinta da manhã. O imponente cortejo, o maior e o mais esplendoroso que jamais desfilou nas galerias do Vaticano, sai da capela Sistina a caminho da Praça de S. Pedro. À frente dezenas de elementos da guarda nobre com seus trajes de grande gala; em seguida 600 Bispos, de casula e mitra, acompanhados de seus secretários; depois 40 Cardeais assistidos dos seus secretários e caudatários, e por fim, na sédea gestatória, a figura impressionante do Papa. O cântico triunfal da perenidade de Pedro e da Igreja ressoa pelas galerias e abóbadas do Vaticano, primorosamente entoado pela Schola da Capela Sistina: *Tu es Petrus et super hanc petram!...*

Quando dei com os olhos na Praça... Meu Deus, como hei-de eu exprimir o que senti ao ver aquele mar de gente que enchia literalmente a enorme Praça de S. Pedro, a nova praça «Pio XII, defensor civitatis», a enorme Via Conciliazione até ao Castelo de S. Ângelo, e todas as janelas, galerias e terraços do Vaticano!... O mundo estava ali. Brancos e pretos, europeus e asiáticos, nobres e plebeus, de todas as raças, de todas as línguas, de todas as condições sociais, e congregados na mesma fé, a fé do Cristo, a fé da Igreja! Vindos de tão longe alguns. Que acto de fé na Igreja e de amor à Virgem! Que bela e expressiva afirmação da catolicidade da Santa Madre Igreja!...

Mas eis que, de repente sou acordado desta empolgante visão por um trovão de aplausos, de exclamações, de vivas, de palmas, de gritos. Sobressaltado, olho para trás. Lá vinha a silhueta branca do Papa saindo da colunata de Bernini. Lá vinha, na sédea gestatória, voltando-se para a direita e para a esquerda, debruçando-se sobre a multidão, estendendo os seus grandes braços de Pai como se quisesse estreitá-la contra o Seu Coração... Torno a olhar em frente. Espectáculo de maravilha: dois milhões de braços no ar acenando, saudando, e um milhão de bocas a gritar, em todas as línguas: Viva o Papa! Viva o Papa!

O imponente cortejo sobe a escadaria da Basílica. E a figura, ao mesmo tempo franzina e majestosa do Papa, lá continua atravessando um mar impetuoso de aclamações. Dali gritam uns: *España por el Papa!* Dalém gritam outros: *France pour le Pape!* Mais além outros ainda: *Brasil pelo Papa!* Também ouvi, cheio de comoção: *Aqui Portugal! Portugal pelo Papa!*

Aproxima-se o soleníssimo momento da definição dogmática. A grande assembleia, de pé, canta o *Credo*. O eco daquele coro formidável ouve-se repercutir lá longe, muito longe... Uma atmosfera de sonho e de mistério paira sobre o Vaticano. A limpidez imaculada do Céu, o brilho fulgurante do Sol, a placidez misteriosa da Lua, os últimos requebres dum cântico mariano entoado pelas vozes cristalinas dos sopranos da Capela Sistina, e o mar, agora sereno, da multidão silenciosa, pronta a ouvir a palavra do Vigário de Cristo do alto do Seu trono de Mestre Infalível.

...Auctoritate Domini Nostri Jesu Christi, Beatorum Apostolorum Petri et Pauli ac Nostra, pronuntiamus, declaramus et definimus divinitus revelatum dogma esse: Immaculatam Deiparam semper Virginem Mariam, expleto terrestris vitae cursu, fuisse corpore et anima ad cœlestem gloriam assumptam.

Uma verdadeira explosão de aclamações e aplausos abafou as últimas palavra do Papa. O *mare magnum* agita-se de novo numa tempestade de clamores, de gritos, de cânticos, de lágrimas. Milhares de lenços brancos agitam-se frenèticamente no ar, lembrando uma enorme revoada de pombas aos pés de Nossa Senhora. E o coro formidável da multidão grita num delírio de entusiasmo e de alegria: Viva Maria! Viva Maria! Viva il Papa de l'Assunta!!!

Entretanto o magnificente cortejo entra na Basílica. Para os 60.000 fiéis que a enchiam chegou também a vez de ver e aclamar o Vigário de Cristo. As grandes abóbadas da maior Igreja do mundo davam ao coro daquela ingente multidão uma ressonância espantosa que fazia estremecer, que fazia chorar os corações mais viris. E o Pontifical começa. Unida ao doce Cristo na terra vai aquela grande assembleia cristã oferecer à Trindade Santíssima o Augusto Sacrifício da Missa, coroa e apogeu daquela empolgante cerimónia. Toda a multidão estava em união com o Altar, através dos serviços sonoros. Oh! Aqueles *Amens!*... Gritos de adesão, gritos de fé saídos ao mesmo tempo de um milhão de corações ardentes de cristãos e ecoando pelos espaços fora!...

Com o Pontifical terminou a festa. A multidão, depois de um fervo-

roso, delirante adeus ao Papa, começa a debandar levando nos olhos e na alma aquela impressionante, indescritível visão de glória, glória de Deus e glória da Igreja, glória de Deus no triunfo da Virgem Sua Mãe, glória da Igreja na glorificação do seu Chefe Visível.

* * *

Naquela noite de 1 de Novembro a nobre Roma era um mar de luz e de cor. Em louvor da Madona todos os monumentos e quase todos os edifícios particulares se iluminaram. Corremos algumas ruas, visitámos alguns monumentos. Ai aquele Coliseu iluminado, como ele se me gravou na retina e me tocou o coração! Neste nocturno peregrinar dirigi-me também à Praça de S. Pedro. Verifiquei, com espanto, que uma multidão de dezenas de milhar de pessoas se conservavam ali a pé firme. Perguntei a mim mesmo o que estariam ali a fazer. Foi a multidão quem respondeu: — Papa! Papa! Papa de l'Assunta! Percebi então que chamavam pelo Santo Padre. Passaram-se uns bons quinze minutos e a multidão não desanimava. Eram precisamente nove e trinta. O grito ia aumentando de volume como vaga no oceano: — Papa! Papa! Papa de l'Assunta! Os clamores são tão fortes, tão constantes que, dizia de mim para mim, o Santo Padre não lhes pode resistir. E eis que num momento a janela do Papa se ilumina num clarão de luz que ilumina toda a Praça. E no meio desse ofuscante clarão, aparece a silhueta branca do Papa, num leve sorriso de benção. A multidão de braços no ar, grita, grita, grita num delírio de emoção, de contentamento e de fé. E o Santo Padre, debruçado sobre ela, continua a sorrir, continua a abençoar... até que, num repente, se apaga o clarão. A Praça, ainda que iluminada, pareceu ficar às escuras. E a multidão absorta continuou de braços erguidos, de olhos no alto, como os discípulos na Ascensão do Senhor até se convencer que realmente os seus olhos já não viam o Papa. Apeteceu-me fechar os meus para nunca mais os abrir. Tive a impressão de que aquela visão de paz faria a minha felicidade eterna. Ainda hoje, quando penso nela, irresistìvelmente me vêm ao pensamento as belas palavras do hino da dedicação das Igrejas: *Cœlestis urbs Jerusalem, beata pacis visio.* — Visão de paz que os meus olhos não mais poderão esquecer, visão de paz que a minha alma religiosamente guarda como o momento mais intensamente vivido que passei na Cidade Eterna, visão de paz a dulcificar tantas visões de injustiça e de ódio que o mundo me obriga a contemplar!

* * *

Eu queria escrever mais, e sobretudo queria descrever melhor. Não posso, não sei. Perdoem-me os amáveis leitores confissão tão espontânea. O dia 1 de Novembro foi daqueles que por tão intensamente vivido se torna de dificílima descrição. As melhores palavras que sintetizam o maravilhoso acontecimento a que tive a dita de assistir são as que acima referi: *Beata pacis visio.* E as visões, especialmente as visões de paz, melhor se contemplam do que se descrevem.

P.E JOÃO DE SOUSA

NA ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA(*)

SERMÃO DE S. BERNARDO DE CRARAVAL

1

Au subir hoje ao céu, a Virgem gloriosa cumulou de copiosos aumentos o gozo dos cidadãos celestes; com efeito ela é aquela que, pela sua saudação fez saltar de alegria o menino que vivia ainda encerrado nas entranhas maternas ([1]) *Lc. 1/41.* Se a alma da criança, que não nascera ainda, se desfez em castos afectos e em casta alegria ao ouvir a voz de Maria, que exultação imaginamos nós que tiveram os celestes exércitos ao merecerem ouvir a sua voz, ver a sua face e gozar da sua ditosa presença?

Mas nós, caríssimos, que ocasião temos de celebrar a Assunção de Maria, que motivo temos nós de alegria, que objecto de gozo? Com a presença de Maria todo o orbe resplandece de tal modo, que até a própria pátria celeste rebrilha duma luz mais brilhante com o fulgor irradiado desta lâmpada virginal.

Por isso, é com razão que ressoa nas alturas a acção de graças e o louvor, ainda que, quanto a nós, mais parece se deva chorar do que exultar. Porventura não é natural que quanto se alegra o céu com a sua presença tanto chore este mundo inferior com a sua ausência? Mas acabem de vez as nossas queixas porque também nós outros não temos aqui morada permanente mas procuramos aquela em que hoje entrou a Virgem bendita. E

(*) Damos a tradução de todo o I Sermão de S. Bernardo para esta festa. Migne P. L. T. 183, col. 415-417.

se estamos contados entre os seus cidadãos fica bem que, mesmo no exílio, mesmo nas margens dos rios de Babilónia, nos recordemos dela, comunguemos do seu gozo, tomemos parte na sua alegria, e muito especialmente naquela alegria que com ímpeto tão veemente enche hoje de júbilo a cidade de Deus, para que também nós aproveitemos do celeste orvalho que cai sobre a terra. Precedeu-nos a nossa Rainha, e precedeu-nos sendo tão gloriosamente recebida que os seus servos a seguem clamando: «*arrasta-nos contigo, e nós correremos todos seduzidos pelo odor dos teus perfumes*» ([2]) *Cant. 1/3.* A nossa advogada subiu da terra ao céu para que, como Mãe do Juiz e Mãe de misericórdia, suplicando, trate eficazmente do negócio da nossa salvação.

2

A nossa terra enviou hoje ao céu um precioso presente para que, dando e recebendo, se associem num feliz intercâmbio de amizade o humano e o divino, o terreno e o celeste, o ínfimo e o sumo; de facto, aonde sobe o fruto sublime da terra daí descem preciosíssimos bens e perfeitos dons. Porque, subindo ao céu, a Santíssima Virgem outorgará à humanidade preciosos dons. E porque não há-de outorgar se não lhe falta nem o poder nem a vontade para o fazer? É Rainha do Céu, é misericordiosa e é, acima de tudo, Mãe do Unigénito Filho de Deus. Não há nada que melhor nos possa dar ideia da grandeza do seu poder e da sua piedade; a não ser que, ou neguemos que o Filho de Deus honre sua Mãe ou duvidemos de que as entranhas de Maria tenham sido repassadas pela mais ardente caridade, essas entranhas nas quais descansou corporalmente durante nove meses a própria Caridade de Deus.

3

Digo isto, irmãos, porque nos diz respeito, ciente como estou de como é difícil atingir aquele grau tão elevado de caridade, que não busque o seu próprio interesse.

Mas, não falando já nos benefícios que nos são proporcionados pela sua glorificação, se verdadeiramente a amamos alegrar-nos-emos acima de tudo porque vai para junto do seu Filho. Sim, associar-nos-emos à sua festa, a não ser que nos tornemos ingratos — o que Deus não permita! — para com aquela que nos deu o Autor da graça.

Entrando na Jerusalém Celeste, a Virgem é recebida hoje por Aquele a quem ela já dera hospício aquando da sua vinda a este mundo. E com quanta honra, com quanta exultação, com quanta glória ela foi recebida! Não há na terra templo mais digno do que o seio virginal em que Maria recebeu o Filho de Deus, nem há no céu trono semelhante ao trono real onde o Filho de Maria a glorificou hoje de modo tão sublime. Felizes são na verdade estes dois encontros e ambos inefáveis porque um e outro transcendem o humano entender. Mas... para que se lê hoje nas igrejas de Cristo aquela passagem do Evangelho que conta como uma mulher entre todas bendita recebeu em sua casa o Salvador?

Creio que é para que nós do conhecimento da glória inefável com que Maria foi recebida por Jesus cheguemos a deduzir a inenarrável glória com que Maria recebeu Jesus no seu ventre virginal aquando da Incarnação. Na verdade, quem poderá explicar, possuindo embora uma eloquência superior à dos homens e à dos anjos, de que modo, pela acção do Espírito Santo e pelo poder do Altíssimo tomou carne o Verbo de Deus, por quem foram criadas todas as coisas, e de que modo o Senhor da Majestade que não cabe no universo criado se encerrou, fazendo-se homem, nas entranhas virginais?

4

Por outro lado, quem há que possa imaginar a glória com que seguiria hoje a Rainha do mundo, e o afecto de devoção que animaria os exércitos celestes ao virem ao seu encontro? Os cânticos com que foi acompanhada até ao trono de glória? Os alegres abraços que recebeu do Filho, sendo elevada acima de todas as criaturas? A honra merecida por tão grande Mãe e a glória que tão grande Filho Lhe podia dar?

Deliciosos, mil vezes deliciosos, os beijos que a Mãe depunha nos lábios de Jesus Menino ao apertá-lo contra o seu peito virginal! Mas, não foram ainda mais deliciosos os beijos que ela recebeu da boca de Aquele que está sentado à direita do Pai, ao ser hoje recebida por Jesus quando subia para o trono da glória, cantando o cântico da esposa: «*que ele me beije com o ósculo da sua boca*»? ([3]) *Cant. 1/1.*

Quem falará condignamente da geração de Cristo e da Assunção de Maria? Porque quanto de graça alcançou na terra acima das outras criaturas, tanto de glória singular conseguirá também no céu. Se nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, nem a inteligência humana descobriu o

que Deus tem preparado para os que O amam, quem poderá exprimir em palavras o que Jesus preparou para Aquela que O gerou e, mais ainda, O amou mais que todos os homens? Ditosa é, pois, Maria, mil vezes ditosa! Quer recebendo no seu seio o Salvador quer sendo recebida por Ele no céu — numa coisa e noutra é admirável a dignidade da Virgem e amável a acção da Majestade Divina em A elevar tão alto.

«*Entrou Jesus* — diz — *numa aldeia e uma mulher recebeu-O em sua casa*» — *Lc. 10/38.*

Hoje, porém, devemos consagrar-nos mais aos louvores porque neste dia devemos ser pregoeiros de festivas alegrias. Como por outro lado o passo do Santo Evangelho já citado nos oferece copioso tema de afectuosas considerações, amanhã, ao reunirmo-nos de novo, dar-vos-ei ensejo de participardes naquilo que o céu me inspirar para vos dizer; e neste dia, consagrado à memória de tão Excelsa Virgem, não só havemos de despertar nos nossos corações sentimentos, da mais terna devoção, como nos havemos de excitar à reforma de vida, mediante a prática das virtudes próprias do nosso estado, para honra e glória do Seu Divino Filho e Senhor Nosso que é Deus por todos séculos bendito sobre todas as coisas. Amen.

Tradução de M. Luís

Auto da Assunção (*)

PERSONAGENS

ALFEU *(cego)* — 50 anos
S. JOÃO EVANGELISTA — 45 anos
S. TIAGO MAIOR *(Bispo de Jerusalém)* — 60 anos
S. TIMÓTEO *(Bispo de Éfeso)* — 35 anos
UM ANJO

Uma clareira num bosque. Ao meio da cena um sepulcro com a lápide corrida. Luz ténue da madrugada. Ao abrir do pano ouve-se música de fundo e o cantar de um rouxinol.

CENA I

ALFEU, *só.*

(É cego; entra em cena procurando o caminho com um bordão e, reparando que já não há árvores perto de si, diz:)

Deve ser aqui, não tenho que duvidar;
Acabou a alameda. . . à clareira vim dar
Do bosque velho e sagrado que o nome tem
Da cidade bendita de Jerusalém.
Que fresco é o ar e alegre a madrugada

(ouve-se de novo o rouxinol)

Canta o rouxinol o hino da alvorada!
Aqui deve estar, eu creio, mo disseram,
O sagrado sepulcro para onde vieram
Repoisar os restos mortais da Senhora,
Santa e velhinha, que do mundo se fôra
Receber, nos altos ceus, a glória imortal
De suas grandes virtudes. Há neste vale
Um perfume de flores que eu não conheço. . .

(*) Representado a primeira vez no Seminário dos Olivais no dia 31 de Outubro de 1950 — Véspera da definição do Dogma da Assunção de Nossa Senhora.

Aroma suave, perfume de alto preço. . .
Será mirra, aloés, ou bálsamo sagrado?
Já deste perfume tenho o manto impregnado!
Sairá, oh, quem sabe, do sepulcro bendito?

(procura o sepulcro com o bordão)

Ele aqui está; dele sai o aroma esquisito
Que no ar se evola, pois aqui é mais forte!
Mas. . . como tem perfume esta mansão de morte?
Ah! eu sei. . . Então, sempre é possível, Senhora,
Que vós me toqueis com vossa mão protectora?
Não será pois uma ilusão? mas é num sonho
De cor bem viva, eu sei, que afinal eu ponho
A minha esperança . . . Mas ó Mãe de Jesus
Luz sacrossanta destes meus olhos sem luz,
Ouvi falar do teu poder nos altos céus,
Que alcanças quanto queres da mão de Deus;
Eu recordo ainda a tua tão meiga voz
Do tempo em que me falavas de Deus, e a sós
Me dizias que tudo é possível a quem
Resa com Fé, Amor e Esperança também.
Olha meus olhos sem luz, em noite há vinte anos,
O meu negro vale de tormento e mil enganos
E a esperança que em sonho me vieste dar
Mas um sonho é ilusão! Não irei tocar
O teu santo sepulcro! Depois ficarei
Mais triste ainda! E um desiludido serei
Do teu grande poder! Ah, mas se um milagre
Viesse tirar o gosto a fel e vinagre
Da minha triste vida . . . Oh, se afinal
Meus olhos . . . — Oh Deus, alegria sem igual —
Vissem de novo as cores e o sol luzente . . .
Eu sofro só de pensar que esta alegria
Jàmais, na minha vida, a terei algum dia!
E, o sonho . . . mas que vivo agora o revejo:

(recordando)

Eu tocava o sepulcro, nele punha um beijo
Sentido e confiante. . . E a tua mão, Senhora,
Meus olhos abria à doce luz de outrora!
Que farei? Oh, Mãe do bom Jesus, tu falavas
Da Fé, do Amor e da Esperança e me davas
Confiança . . . E já que aqui vim experimento . . .
Senhora, Oh minha mãe, Oh mãe do sofrimento. . .

(beija o sepulcro, levanta o rosto e depois cai prostrado)

Ah! será possível? Eu estarei a sonhar?
Oh! meus olhos! eu vejo a luz a brilhar,
O Sol, as árvores, a cor. . . Eu estou curado!
Senhora obrigado, mil vezes obrigado!

(vai a beijar de novo o sepulcro e repara então que ele está aberto.)

Mas, que vejo eu?!. . . o sepulcro está aberto?!
Roubaram a senhora, pois está deserto
O lugar onde os sacerdotes colocaram
O corpo bendito!

(reparando nos selos partidos)

E esta pedra selaram
Para o não roubarem. . . Mas em vão o fizeram!
E eu sei que noutro lugar o não puzeram!
Então, Senhora, deste luz ao meu olhar
P'ra um crime horrendo vir logo contemplar?
Ah, fizeste-o de propósito, já sei
P'ra eu gritar por socorro; então gritarei!

(para fora)

Socorro, roubaram a Senhora! Mas quem,
Me ouve? Socorro, Socorro! Já vejo além
Homens! E há quanto tempo os não via! Mas quê!
Estão parados? Ah, eu grito e ninguém me crê!
Lá caminham agora . . . e já param de novo!
Roubaram a Senhora, chamai todo o povo!
Socorro, socorro, homens de Jerusalém!
Vinde depressa, correi! Agora detêm
Outra vez o passo! Olhai, sou eu quem vos chama,
Não temais, que mal vos não farei! Há um drama
Horroroso p'ra os cristãos!

CENA 2

(Alfeu, S. João Evangelista, S. Tiago Maior e S. Timóteo)

S. João

(entrando com os companheiros)

Oh! és tu, Alfeu!

S. Tiago

Alfeu o cego!

S. Timóteo

Porque gritavas tu?

(e vai ao fundo ficando espantado ao ver o sepulcro aberto)

Alfeu

Eu

Grito. . .

João

(cortando-lhe a fala)

Mas espera

(reparando nos olhos de Alfeu)

Sim . . . tu já não és cego!?

Tiago

(reparando também)

É ilusão dos meus olhos? mas enchergo
Bem as demais coisas! *(para Alfeu)* Tu vês?

João

Fala, Alfeu!

Alfeu

Vejo sim!

João

Mas como?

Tiago

Como isso aconteceu?

Alfeu

Depois vos explicarei. Agora olhai
Para o sepulcro da Senhora e reparai. . .

João

Oh! o sepulcro aberto!

Timóteo

(que estava junto do túmulo)

E vazio!

Tiago

Roubaram a Virgem Maria!

João

Alguém fugiu
Levando o corpo sacrossanto! Que horror!

(para Alfeu)

Viste arrombar o sepulcro?

ALFEU

Não vi, senhor!

JOÃO

Mas viste alguém por aqui?

ALFEU

Senhor, não vi ninguém!

TIAGO

O corpo da Virgem roubado! nós também
Estamos roubados! Nem quero acreditar!

JOÃO

E quanto a mim, que duras contas irei dar
A Jesus no céu que me recomendou bem
No alto da cruz: «João eis aí tua Mãe!»
Isto é pavoroso! Mas quem se atrevia
A roubar um sepulcro?

TIAGO

Ora . . . eu bem o dizia
Ao sacerdote Esequias: «manda guardar
O túmulo da Mãe de Jesus!» ao pensar
Em tantos inimigos que ainda tem
Aquele que morreu na cruz!

JOÃO

Sim, mas alguém
Foi! temos obrigação de averiguar!
É forçoso o ladrão depressa ir procurar!

TIMÓTEO

Um arrepio me fez tremer quando ouvi,
Ao longe, gritos aflitos vindos daqui!
Dizia-me o coração. . .

TIAGO

Nós temos que dar
Uma explicação ao povo e acho até
Que este Alfeu, que era cego e agora vê,
É um caso para se estudar!

ALFEU

Mas, senhores,
Se eu ninguém vi!

TIAGO

Ora . . .fartos de impostores
Andamos nós! O teu caso é misterioso,
Anda conosco!

(agarra Alfeu)

ALFEU

Valha-me o Deus poderoso!
No dia em que me curei, me prendeis? Socorro!

TIAGO

Vá, não grites!

ALFEU

Desconfiais de mim? eu morro. . .

CENA 3

(Os mesmos e mais um anjo que entra em cena ficando por detrás do túmulo)

TODOS

Oh!

JOÃO

Visão maravilhosa!

TIAGO

Um anjo de Deus!

(caem prostrados e ficam nessa posição até que o anjo se retire)

ANJO

Sabei que a Virgem Maria subiu aos ceus!

(anjo cantando, acompanhado a música atrás da cena)

Por anjos levada
Ao trono de Deus
Foi já proclamada
Rainha dos ceus!
Seu trono brilhante
É trono de glória!
Em coro vibrante
Cantemos «vitória»!
Vitória e louvor
À Virgem clemente
Cantemos com amor
Agora e sempre!

(o anjo sai como entrou)

CENA 4

(Todos menos o anjo)

JOÃO

(voltando a si)

Já se foi embora!

ALFEU

Mas que lindo anjo!

JOÃO

Pela cor das vestes penso que era arcanjo.

TIAGO

E ouvistes? Maria foi levada aos ceus!

JOÃO

Sim, quem o diria! alegria irmãos meus!
Levado por anjos à celeste mansão
Foi seu corpo preservado da corrução!

TIAGO

Grande milagre esta excepção maravilhosa
Às leis da morte!

TIMÓTEO

Bendita a mão poderosa
Do Omnipotente que faz quanto quere!

JOÃO

E era digna de tão grande graça a mulher
Que trouxe no seu ventre o Filho de Deus!

TIAGO

Não posso imaginar sequer, irmãos meus,
Que fossem os vermes este corpo comer;
Um corpo que deu a carne e o sangue a Jesus
Que aos ceus ascendeu envolvido em luz!
Se Cristo morreu e ressuscitou, também
Devia ressuscitar sua Santa Mãe!

TIMÓTEO

Como Cristo, teve então uma Ascenção?

JOÃO

Não, se anjos a levaram. . . teve assunção!
Uma glória sem par! Por isso as criaturas
Um canto de louvor lhe erguem às alturas
Do Céu! Ela foi eleita para gerar,
Segundo a carne, o Verbo-Eterno e associar,
À obra divina da nossa Redenção,
A alma e o corpo sem mácula nem corrução.
Bendita, pois foi chamada cheia de Graça
E disse: «a vontade de Deus em mim se faça».
E sendo Filha e Mãe do Redentor
É também a dileta Esposa do Criador.
Bendito o seu corpo que habita agora o ceu
Onde a face de Deus já contempla sem veu!
E os anjos lhe cantam, alegres de vê-la
Enquanto a terra chora a pena de perdê-la!

TIAGO

Ora. . . a Terra não era digna de possuir
A Mãe do Homem-Deus que a veiu remir
Do pecado e que tão má paga recebeu!

JOÃO

Não faleis disso! Estou alegre. . .

ALFEU

Também eu!
Se o corpo de Maria aos ceus foi levado,
Já vós não temeis que tenha sido roubado!

JOÃO

É verdade, Alfeu, perdoa a desconfiança
Que sobre ti lançámos!

ALFEU

Eu tinha esperança
De que me não deixaria caluniar
Aquela que me deu vista neste lugar!

JOÃO

Então é por milagre que tu agora vês?

ALFEU

Sim, por um milagre que a Senhora me fez!

JOÃO

Conta Alfeu, que isso nos interessa a valer!

ALFEU

Sabeis que há vinte anos eu deixei de ver.

JOÃO

Sim, nós sabemos.

ALFEU

Pois esta noite sonhei
Que a Senhora me curava. Duvidei
Se devia dar fé. . . Mas enfim, eu quis tentar. . .
Deus fala em sonhos também! Aqui vim parar,
Tateando com o meu bordão; e, chorando,
Beijei o Santo Sepulcro. Eis senão quando. . .
Oh! ainda me parece que estou a sonhar!
Meus olhos viram a luz! larguei a chorar
De alegria! *(chorando)* Ó Senhora, obrigado, obrigado!

JOÃO

(encorajando-o)

Então, Alfeu!

ALFEU

E, como vedes, estou curado!

TIMÓTEO

Grande milagre!

JOÃO

Ela será proclamada,
Por todas as gerações, Bemaventurada!

TIAGO

Bendita mil vezes seja a Mãe de Jesus!

ALFEU

Ela me deu vista, Ela é a senhora da luz!

JOÃO

(para Timóteo que está pensativo)

Mas em que estás a pensar?

TIMÓTEO

Em como seria
Linda de se ver a Assunção de Maria!

JOÃO

Linda como não podemos imaginar!

ALFEU

(apontando para fora)

Oh, vêde, uma nuvem de fumo se ergue no ar,
Além no deserto!

JOÃO

É verdade! nunca vi
Coisa assim!

TIAGO

E que perfumes chegam aqui?

TIMÓTEO

Perfume de mirra e incenso!

ALFEU

Vêde mais!

TIAGO

Oh, uma pomba se levanta nos juncais
Perto do rio. . .

JOÃO

E toma vestes resplendentes!

TIMÓTEO

Cercada de rosas e lírios virentes
Parece uma primavera em flor!

TIAGO

Quem é
A que se ergue aos céus como a espada de Josué?

TIMÓTEO

Como um exército em guerra?

TIAGO

(na altura em que uma luz forte vinda de fora ilumina a cena)

Como o sol
Ela se levanta!

ALFEU

(vendo a luz mudar de cores)

Oh, que lindo arrebol
De mil cores variadas!

TIAGO

Eis que lá vai
Formosa como a lua!

TIMÓTEO

(vendo que a luz misteriosa esvanece)

O brilho se esvai . . .

JOÃO

(depois de uma pausa)

Irmãos eu creio que isto foi uma visão
De como teria sido a Assunção
De Maria! Não nos foi dado o prazer santo
De vê-la tal qual foi, mas vimos o encanto
Desta linda visão. Vamos agradecer.
De joelhos, a Graça que nos quis fazer
Louvando, recolhidos e com alegria,
A gloriosa Assunção da Virgem Maria!

(caem de joelhos. De novo a música de fundo e o canto do rouxinol como no princípio. O pano corre lentamente.)

FIM

P.e VIÇOSO FREIRE

ALGUNS POETAS DE NOSSA SENHORA

Cada qual tem a sua visão do mundo, mais ou menos rica e legítima; deve estar disposto a bater-se por ela, pois a julga verdadeira, e anseia por obter a concordância dos seus semelhantes.

Outra não é a razão de ser do artista. Escreve por uma necessidade interior, movido pela chama que arde em si, e para ao mesmo tempo entrar em contacto com seus irmãos, fazendo-os participar do seu modo de ver.

Mas para escrever, precisa de sentir. Sentir, em grau elevadíssimo: a expressão é um espelho baço que esmaece os tons do pensamento. Só quando a alma for um vulcão poderá chegar cá fora um pouco da labareda interior.

Já porque é difícil exprimir-se, já porque não interessam os sentimentos vulgares da maioria, o grande poeta terá de ser um excessivo, um santo ou um revoltado, o que dependerá sòmente da maneira de olhar o mesmo objecto, o mundo de todos nós.

As misérias e injustiças que nos rodeiam tanto podem levar à blasfémia o revoltado, como o cristão à acção de graças; conduzir o pessimista ao desespero, como o cristão à esperança que não engana. Há poetas contentes, em nome de Deus, como os há contentes, em nome de Satanás; introspectivos, ao serviço da humildade; introspectivos, ao serviço do orgulho...

Fácil será verificar como, pelos mais diversos caminhos, as interro-

gações dos bons poetas vêm desembocar no problema de Deus, nosso fim último e razão de ser da nossa existência. Há no homem um desequilíbrio constante entre os seus desejos e as realizações, entre as suas forças e a energia que a vida lhe reclama. Os Poetas, mais plenamente ainda, sentem a desproporção. Exclama um deles:

«À procura de Deus, andamos todos nós,
Poetas, desde quando a Poesia é Poesia...
Caminho que nos leva aonde principia
A dúvida maior, a ânsia mais atroz.
Mas sempre em nós renasce a esp'rança de que um dia
Talvez a Sua Voz responda à nossa voz» (1).

Deus já respondeu ao nosso apelo. Enviou-nos o Filho, que nos saldou o débito, pagando a dívida dos nossos primeiros pais com um sacrifício de valor infinito, e nos deu a possibilidade de nos erguermos sempre que queiramos, ficando connosco na Igreja.

Para o futuro, todas as ofertas e sacrifícios, de valor ínfimo em si mesmos, seriam admitidos à presença do Pai, totalmente valorizados pelo sacrifício único do Calvário. Mas, no plano de Deus, a Redenção exigiu que o Filho se fizesse homem, como nós, um homem de carne, nascido de uma Mãe de carne. A escolhida foi Maria, que com o seu «fiat» contribuiu para a nossa libertação. Maria não foi apenas Mãe de Jesus; homem, Ela foi verdadeira Mãe de Deus. Por isso se cumpriu a profecia do «Magnificat»: «Eis que, de hoje em diante, todas as gerações hão-de chamar-me bem-aventurada».

Se um poeta budista sente, de qualquer modo, o problema de Deus, é evidente que a figura da Virgem só poderá interessar os cristãos ou os de inspiração cristã. Sòmente A invocam os que reconhecem a sua importância de co-redentora, ou vivem na nostalgia de uma fé que já possuiram. Daqui derivam dois grupos de Poetas. No primeiro, mais introspectivo, figuram os que consideram as próprias faltas e os sofrimentos que elas causaram à Mãe de Deus. A sua poesia é mais intensa e vibrante, mais humana.

---

(1) Carlos Queiroz, «Desaparecido e outros Poemas» — Lisboa, Bertrand, 1950, pág. 89.

No outro grupo alinham todos os que cantam as glórias de Maria. Se correm maior perigo de superficialidade, no amontoar de predicados a Nossa Senhora, não são tão egoistas, olham menos para si próprios. Mais difìcilmente nos arrebatam, mas quando saiem da vulgaridade atingem o cume da Poesia, de paredes meias com a Oração, pois cantam as grandezas de Deus nos seus santos, e na Virgem de um modo particular.

Resumindo: os primeiros invocam a Mãe de Deus em função do caso pessoal; os segundos cantam-na pelo que Ela é em si mesma, pelas maravilhas com que Deus A cumulou.

A nossa Literatura mariana, tão rica logo nos seus alvores, apresenta um sem número de composições «em louvor da Virgem». Onde muitas vezes falta a profundidade de pensamento — ausência natural entre os portùgueses — abunda o lirismo tão delicado, fruto da sensibilidade e da devoção a Maria, que tão fielmente nos caracterizam. Assim acontece nesta «Cantiga de folia», dos primeiros tempos da nossa Literatura:

PRIMEIRO CORO: «*Branca estais e colorada,*
Virgem sagrada!
Em Belém, vila do amor,
Da rosa nasceu a flor!
Virgem sagrada!

SEGUNDO CORO: «*Em Belém, vila do amor,*
Nasceu a rosa do rosal!
Virgem sagrada!

PRIMEIRO CORO: «*Da rosa nasceu a flor:*
Jesus, nosso Salvador!
Virgem sagrada!

SEGUNDO CORO: «*Nasceu a rosa do rosal:*
Deus e homem natural!
Virgem sagrada! (2).

(2) A. Pires de Lima, «A Poesia Religiosa na Literatura Portuguesa», Porto, 1942, pág. 24.

Mais encantador ainda é o lirismo vicentino no «Auto da Sibila Cassandra»:

«Muy graciosa es la doncella:
Como es bella y hermosa!
Digas tú, el marinero,
Que en las naves vivias,
Si la nave, ó la vela ó la estrella
Es tan bella.

Digas tú, el caballero,
Que las armas vestias,
Si el caballo ó las armas ó la guerra
Es tan bella.

Digas tú, el pastorcico,
Que el ganadico guardas,
Si el ganado, ó los valles ó la sierra
Es tan bella» (3).

Poesia já mais profunda vamos encontrá-la no hino do Cancioneiro Geral, baseado no «Ave, Maris Stella»:

«Maristela, deos te salve,
madre de deos tanto santa,
q̃ sempre virgem te canta
a igreja, mui suave.
Ó tam bem aventurada,
porta do ceo, mater pia,
ante secula criada,
em teus louvores me guia.
... ...
Graças a Nossa Senhora,
q̃ tanto bem mereceo,
e o Padre a escolheeo
pera nossa intercessora» (4).

---

(3) Gil Vicente, «Obras Completas», I vol., Lisboa, Sá da Costa, 1942, pág. 81.
(4) A. Pires de Lima, ob. cit., pág. 29.

Pensamento ainda mais elevado, temo-lo no formoso hino de Mestre Gil, no «Auto Pastoril Português»:

«Ó gloriosa Senhora do mundo,
Excelsa princeza do ceo e da terra,
Formosa batalha de paz e de guerra,
Da Sancta Trindade secreto profundo!
... ...
Do que Eva triste ao mundo tirou
Foi o teu fructo restituidor;
Dizendo-te ave o embaixador,
O nome de Eva te significou.
... ...
Pois que faremos os salvos por ella,
Nascendo em miseria, tristes pecadores,
Senão tanger palmas e dar mil louvores
Ao Padre, ao Filho e Esprito, e a ella!» (5).

Com Gil Vicente fomos introduzidos na Renascença, tranquila e católica entre nós, sem as guerras religiosas de outras nações.

Foram católicos os nossos maiores humanistas. «Christianus sum, non ciceronianus» — disse um deles, André de Resende — «Antes de mais sou de Cristo, que não de Cícero». Também foram de Cristo os maiores poetas de então. Começando por Sá de Miranda, que introduziu o «dolce stil nuovo» em Portugal, passando por Diogo Bernardes, Pero Andrade Caminha e Frei Agostinho da Cruz, nenhum se esqueceu de Nossa Senhora.

Camões personifica admiràvelmente o Renascentismo português com exageros semi-pagãos e a ortodoxia mais pura. Na «Elegia IX», apresenta uma espécie de introdução mitológica através da qual chega a Nossa Senhora:

«Tu, Virgem pura, santa, Ave Maria,
Cheia de Graça, Esposa, Filha e Madre,
Mais formosa que o Sol ao meio dia
Que vás buscando ao Esposo, Filho e Padre,
Qual cordeira perdida da manada,
Sem guarda de pastor, nem cão que ladre;

(5) Gil Vicente, «Obras Completas», 1.º vol., Lisboa, Sá da Costa, 1942, págs. 192-193.

Vai, Rainha dos Anjos mui amada,
E preciosa pedra adamantina,
De perfeições e graças esmaltada;
Vai, estrela do mar, vai, luz divina,
Escolhida do Céu; vai, cordeirinha,
Branca açucena e rosa matutina;
Vai, caminho da glória, vai, pombinha
Branca sem fel; bendita entre as mulheres;
Vai, mãe da Lei da Graça, vai asinha
Ao monte Calvário, se ver queres
Ao teu precioso Filho antes de morto.
Desconsolada, vai; vai, não esperes!
Ao qual acharás bem sem conforto,
Posto na Cruz, por partes mil chagado
Para nos dar sossegado e manso porto» ([6]).

E passamos aos fins do século XIX. Não é meu intento estudar a poesia mariana através da Literatura Portuguesa, nem temos poetas extraordinários antes de 1800. Os Gongoristas mataram a inspiração em subtilezas e trocadilhos, e os Árcades também não criaram, na imitação servil das formas. Só os Românticos conseguiram revitalizá-las, não passando embora do sentimento. No descalabro religioso de então, mal lhes sobrava o tempo para louvar o Eterno, «em horas de silêncio, à meia noite...»; como poderiam lembrar-se de Nossa Senhora? Entretanto, o fundo religioso de Garrett consegue ainda comover-nos na oração pela filhinha, ainda inocente:

«Maria, doce mãe dos desvalidos,
A ti clamo, a ti brado!
A ti sobem, Senhora, os meus gemidos,
A ti o hino sagrado
Do coração de um pai voa, ó Maria,
Pela filha inocente...» ([7]).

Mas a crise religiosa acentuava-se. E os espíritos, na nostalgia de Deus, não andavam dispostos para divagações teológicas...

([6]) «Lírica de Camões», Coimbra, 1932, pág. 324.
([7]) A. Pires de Lima, ob. cit., pág. 119.

Antero de Quental é o protótipo do desorientado. Reflexo das lutas íntimas, deixou um maravilhoso soneto que, pela sinceridade e elevação, paira muito acima de todas as composições marianas do século passado. Ao lermos o soneto, logo nos representamos uma Virgem triste com a dor íntima de Antero e a atraí-lo ao mesmo tempo com essa alegria misteriosa que ele toda a vida perseguiu sem jamais chegar a alcançá-la:

«Num sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizível ansiedade,
É que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da beleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as há na natureza...

Um místico sofrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

¡Ó visão, visão triste e piedosa,
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira» ([8]).

Na esteira de Antero, vem o depoimento de José Régio, outro místico que vive também à procura de Deus... São tão humanas estas quadras despretensiosas... E tão profundas ao mesmo tempo... José Régio reconhece as suas faltas e acredita que Maria também por elas derramou algumas lágrimas no Calvário:

«Tenho ao cimo da escada de madeira
Que logo, entrando, os olhos me dão nela,
Uma Nossa Senhora de madeira
Arrancada a um Calvário da capela.

([8]) Antero de Quental, «Sonetos», Coimbra, 1922, pág. 88.

Põe as mãos com fervor e angústia. O manto
Cobre-lhe a testa, os ombros, quase composto;
E uma expressão de febre e espanto
Quase lhe afeia o fino rosto.

Mãe das Dores, seus olhos enevoados
Olham, chorosos, fixos, muito além...
E eu, ao passar, detenho os passos apressados,
Peço-lhe: — «A sua bênção, Mãe!»

Sim. Fazemo-nos boa companhia,
E não me assusta a sua dor: quase me apraz.
O Filho dessa Mãe nunca mais morre. Aleluia!
Só isto bastaria a me dar paz.

— «Porque choras, Mulher?» — docemente a repreendo.
Mas à minh'alma, então, chega de longe a sua voz
Que eu bem entendo:
—«Não é por Ele...»
— «Eu sei! teus filhos somos nós» (9)

No depoimento do maior de todos falaram os poetas modernistas. Não abundam, entre eles, as composições marianas. Hoje está em moda a introspecção. E a poesia moderna, mais comovedoramente humana, é subjectiva e interiorista cem por cento.

Mas encontro maior desinteresse nos cristãos convictos que ordenam a inspiração para Deus. O poeta reza, a cantar as glórias de Maria. É difícil separar a oração do sentimento poético nos soberbos tercetos de António Correia de Oliveira:

— «Avé, Maria! Estrela matutina,
Porta do Céu, Jardim Fechado: ó pura,
E delicada e angélica menina!

(9) José Régio, «Mas Deus é Grande», Lisboa, 1945, pág. 17.

Cheia de graça! Tímida brandura
Mais forte do que o sol e a neve linda
Que nem o sol derrete a arder na altura!

É contigo o Senhor. Ele há-de ainda,
— Pois foi castigo, — ser perdão também:
O Pai nos dá seu Filho . . . E a hora é vinda.

Bendita és tu entre as mulheres — Mãe:
Bendito o Fruto do teu ventre, agora,
E todo o sempre, e por Jesus. Amêm» ([10]).

Lugar de relevo merece ainda a obra do P.e Moreira das Neves, «As Sete Palavras de Nossa Senhora». Os sentimentos do autor são os de um filho a adivinhar e prevenir os desejos da Mãe, e na ânsia de comunicar aos outros uma certeza que se possui.

E em homenagem ao dogma recentemente definido, concluo com a «Assunção», de Augusto Gil, extraída do mavioso livrinho «Alba Plena», uma vida da Virgem, de um lirismo enternecedor, infantil mesmo:

«A uma velha capa que San João deixou
A Virgem Maria ainda a aproveitou . . .
Escolhendo a parte menos gasta e poída
Desfaz-lhe as costuras, tira-lhe a medida,
Talha uma roupinha para uma criança
Que era a mais rotinha das da vizinhança.
Prestes a alinhava, logo a cose e prova.
Que linda, que linda! Parecia nova . . .
Nesse tempo a Virgem quantos anos tinha?
Não ficou a conta. Era já vèlhinha.
Dava o sol nas casas: brasas de fogueira . . .
. . . Horas de descanso, horas de quebreira . . .
— E da idade, e de cansaço, e de calor —
Lento, a invade toda um dúlcido torpor . . .
Fecham-se-lhe os olhos, e descai-lhe a agulha . . .
. . . Passa uma andorinha. Uma rolinha arrulha.

([10]) António Corrêa de Oliveira, «Verbo Ser e Verbo Amar», Lisboa, 1926, pág. 142.

As mãos escorregam, ficam-lhe pendentes...
As cigarras cantam nos trigais dormentes.
E a pendida fronte — ainda mais pendeu...
E a sonhar com Deus, com Deus adormeceu...
Põe-lhe o manto um anjo, curva-se a compô-lo,
E outros anjos descem, pegam nela ao colo...
Com as leves mãos (penugens de andorinhas)
Vão-na embalando como às criancinhas...
E embalando-a, voam, lá se vão com ela!...
Já lá vai mais alta que a mais alta estrela!...
Outros anjos chegam, querem-na cantar.
Caluda, caluda, que pode acordar...
Que as almas dos justos um hino concertem!
Silêncio, silêncio. Que não a despertem...
Jesus abre os braços, e já quer beijá-la.
Mas pára, detém-se, que pode acordá-la!...
E a mãe da Senhora pediu-lhe a sorrir:
— Mais logo... Mais logo... Deixai-a dormir... ([11])

António Jorge Martins

([11]) Augusto Gil, «Alba Plena», Lisboa, 1920, pág. 143.

SONHO E FÉ

Talvez, Senhora...

Suavemente,
As coisas mortas
E plàcidamente absortas
Sentissem já o palpitar da vida...

Talvez...
Que a natureza ainda adormecida,
Acordasse de súbito alarmada
Receando o mistério que a envolvia...

Talvez...
Que o dia fosse já clareando
Na sublime cor da madrugada...
Pondo a cada canto um sorriso de astros...

Talvez...
Que uma infinita sauvidade
Se entornasse,
Divinamente, pelos espaços!
E que todas as aves, docemente
Gorgeassem
Melodiosos cantares...
E os perfumes, misteriosamente
Se exalassem
Pelos ares!

Talvez...
Que o próprio mar,
Imaculadamente manso,
Calasse os uivos e lamentos...!
... ...
Enquanto o Vosso Corpo Glorioso
Num mar de esplendoroso encanto!
Surgia da morte e do túmulo...
E era levado para Deus
Entre mil hossanas e hinos...!

Gloriosamente...
Vós, Peregrina dos Céus!
Abismáveis os espaços e os astros...!
... ...
Longe, bem longe
Desapareceu a Visão...!

E a terra adormeceu na saudade
Por se ter apagado
Aquele arrebol de Eternidade...!
... ...
Atordoada ainda, em sublime delícia,
Ficou a terra, indiferente,
Ao beijo com que o Sol nascente
A envolveu, na pureza imensa do seu oiro,
Arder!
Em sedutora carícia...!

Talvez...
Que até ao acordar...
De novo, se sentisse agonizar!
Na tortura enorme do anoitecer...!

Longe, bem longe...
A Senhora desapareceu...!
... ...
E entre as aclamações da Corte do Céu!
Ocupou o seu sólio de rainha...
Que Deus lhe tinha preparado na Glória.

... ...
Nós acreditamos, Mãe
Que esse templo imaculado,
Onde Deus se fez Menino...
Não podia ficar na terra desprezado!
Nem a podridão cantar vitória
Sobre Vós sem mancha de pecado...

Nós acreditamos, Mãe!
E proclamamos
A nossa fé, alvoraçadamente!
Na infinita certeza, Mãe,
De que também nós ressuscitaremos
E deixaremos a terra para sempre!
Como Vós, no dia da Assunção...!

BERNARDO XAVIER FÉLIX

De como se viveu no Seminário a solene definição do Dogma

«Assumpta est Maria in cœlum» é alegria para os Anjos e glória para o Filho de Deus.

PALPITAÇÕES

Também nós não podiamos ficar insensíveis perante o acontecimento que estava prestes a dar-se. Dia 31, véspera do dia de Todos os Santos e da definição do dogma.

Havia já alguns dias que se notava no Seminário qualquer coisa de estranho, os corações palpitavam mais apressados e pensava-se na maneira de solenizar mais a próxima quarta-feira.

Ao aproximar-se o dia 31 de Outubro, muito na sombra havia alguém que planeava e organizava ensaios.

A VÉSPERA DO GRANDE DIA

A SESSÃO

Estava tudo planeado e anuncia-se que pelas 18 horas haverá uma sessão solene em homenagem à Virgem. Com a comparência de todos os seminaristas e presentes todos os superiores, deu-se começo à sessão com a «Ave Maria» de Fabre executada pelo grupo polifónico do Seminário sob a regência do Rev.^{mo} P. Viçoso Freire. Em seguida o Rev.^{mo} P. Francisco Wakkers, passou a analisar na conferência que nos fez, o tema do dia seguinte, a Assunção da Senhora e a definição deste dogma. Vou dar em resumo os tópicos e principais ideias do seu discurso.

— As primeiras palavras que pronunciou foram as seguintes:

«Ave Maria gratia plena Dominus tecum». E começa a sua dissertação:

— A definição do dogma da Assunção da Virgem bendita é o grande acontecimento desta época, a grande obsessão desta noite e o grande facto do dia de amanhã. Assunção significa a glorificação celeste, não só da alma mas também do corpo, o que implícita e indirectamente implica ressurreição se de facto tiver morrido. Isto parece ser suposto na Liturgia da Igreja, quando numa sua oração colecta alude à condição humana da Virgem. A Igreja Oriental também confirma a hipótese, falando-nos do «somnum dormitionis Virginis», expressão que denota a possibilidade da morte da Virgem.

Há, porém, quem negue que a Senhora tenha de facto morrido e comprovam-no aludindo à existência dos dois sepúlcros em Éfeso e Jerusalém, o que prova afinal não ser nenhum verdadeiro.

Quer tenha morrido quer não o que se conclui é que a sua glorificação inclui ressurreição e assunção ou esta apenas. Como porém o facto é sobrenatural segue-se que não consta da experiência e por conseguinte só pode constar pela Revelação.

Ora é deste objecto da Revelação que importa ver o que cai sob a alçada da definição e que por conseguinte, constitui dogma de fé. É evidente que o facto da Assunção é o termo da definição, porém, não gozam de infalibilidade os argumentos comprovativos do facto da Assunção. O Papa só goza portanto do carisma da infalibilidade ao definir o facto dogmático mas não na argumentação.

Para fundamentar o dogma devemos ir às fontes da Revelação, a Escritura e a Tradição, onde esta verdade deve encontrar-se explícita ou implicitamente contida, como directamente revelada ou apenas como conclusão de duas verdades reveladas.

De há treze séculos a esta parte se celebra em toda a Igreja a festa da Assunção de Nossa Senhora o que equivale a dizer que esta verdade era até hoje de fé eclesiástica, garantida pela autoridade da Igreja e unânime sentir do povo cristão.

Em 1 de Maio de 1946 S. Santidade o Papa XII dirige uma carta a todos os Ordinários, a pedir o parecer deles sobre a definibilidade do dogma, e de 1.191 Ordinários, 1.169 respondem afirmativamente que desejam a definição, afirmando ao mesmo tempo o carácter revelado da verdade. Dos restantes, 16 afirmam o carácter revelado mas não acham oportuna a intervenção solene do Magistério. Apenas 6 se afastam do sentir quase

unânime da esmagadora maioria. Não pode deixar de ver-se neste facto, a influência vital do Espírito Santo, assistindo constantemente à Igreja e dando graças de iluminação e penetração na verdade contida nas fontes da Revelação.

Há alguns teólogos que só se fundam na tradição por para eles não haver na Escritura referências ao facto. O seu principal argumento é a celebração da festa da Assunção por toda a Igreja, a partir do séc. VI. Porém isto não garante a opostolicidade dessa tradição, pois nos anteriores 500 anos, dela não há vestígios. Há todavia quem pretenda ligar o séc. VI à era apostólica, mas os fautores de semelhante teoria não são fidedignos. Entre eles encontra-se *Juvenal*, historiador de pouca seriedade, basta para verificá-lo analisar o comentário que S. João Damasceno faz dum dos seus discursos. Os *apócrifos* não merecem também mais credibilidade.

Conclusão — essa tradição que é expressa e explícita no séc. VI, deve encontrar a sua explicação na Escritura onde implìcitamente está contida a verdade da Assunção e onde se apoiavam os cristãos na sua crença.

— O orador passa em seguida a analisar, quais os argumentos em que Sua Santidade irá fundamentar o novo Dogma. Sem mais preâmbulos expõe os argumentos até hoje aduzidos em favor da *veracidade* da *verdade* em questão.

1.º) Suarez — visto haver santos que foram assuntos ao Céu, com maioria de razão Nossa Senhora «assumpta est».

2.º) S. Belarmino — verificando que até hoje nunca se falou nem encontrou a mais insignificante relíquia da Virgem, conclui que esta foi levada em corpo e alma para o Céu.

3.º) Diz-se que a Maternidade divina da Senhora é o «alpha» e a Assunção o «ómega» das suas Glórias. O conferencista ao invés conclui na doce esperança, de que dentro de 10 anos se deve dar oportunidade de nova proclamação marial, o dogma da sua mediação universal.

4.º) A Virgindade de Nossa Senhora é o privilégio sem par, pelo qual a Virgem, concebida sem mácula, foi Mãe permanecendo Virgem. Ora qual será mais de assombrar — o ser isenta da pena imposta a Eva, da dor e do pecado ou a glorificação do corpo antes do fim dos tempos, pois a assunção da carne está no plano normal da vida da graça?

5.º) Em 1863, Isabel II da Espanha, pediu a Pio IX que proclamasse solenemente a Assunção de Maria, ao que o Papa responde, dizendo ser este dogma um corolário do da Imaculada Conceição. A assunção não está porém directa e expressamente contida na Imaculada Conceição, pois são factos de ordens diferentes.

6.º) Argumento da perfeita redenção. S. Paulo na epístola aos Romanos VIII/23 fala da Redenção final a significar a glorificação do corpo. O Papa por outro lado diz que Maria foi a que recebeu em primeiro lugar, na sua plenitude, os frutos da Redenção. Logo nessa plenitude inclui-se a glorificação do seu corpo virginal.

7.º) Argumento tirado da plenitude da graça: «Ave gratia plena». Está formalmente revelada a plenitude da graça em Maria e tudo o que esta plenitude inclui está-o implicitamente. Ora o que é plenitude nunca esteve submetido a maldição, pois são termos que se excluem mùtuamente. Essa maldição consistia no «in pulverem revesteris». Logo Maria, foi isenta dessa maldição e por conseguinte, elevada gloriosamente aos Céus em corpo e alma.

8.º) Maria é a nova Eva associada ao novo Adão. A Bíblia fala-nos da luta irredutível entre a mulher, Cristo e Satanás: «inimicitias ponam inter te (Satanás) et mulierem, (Maria) et semen tuum et semen illius (Cristo). Pio IX na *Inefabilis*, chama inimizades as mesmas de Cristo e de Maria com o Demónio. O triunfo do Demónio sobre o homem é triplice, morte, concupiscência e pecado. Ora Nossa Senhora alcançou um triunfo pleníssimo sobre o Demónio, com Cristo é completa e absoluta veneradora dele. Logo não é *Dominada em coisa nenhuma* pelo Demónio.

Este argumento foi usado por 113 Padres no Concílio do Vaticano.

Temos a «maior» revelada formalmente. A «menor» revelada formal e explìcitamente. Logo a conclusão é-o também, mas implìcitamente.

— Terminou o orador exortando-nos a alegrarmo-nos com a glória acidental da Senhora, ao ver a gente desta terra, cantar as glórias e prodígios da sua grandeza. Este dogma aumenta a nossa esperança no dogma da ressurreição final e dá-nos mais confiança na poderosa advogada junto do Pai: «Expedit vobis ut ego vadam», «non relinquam vos orphanos» mas derramará sobre nós um dilúvio de graças.

— A assistência irrompeu num verdadeiro delírio de palmas que bem

mostraram a comoção e entusiasmo despertados pelas palavras tão quentes do nosso querido P. Francisco, outrora nosso professor. Era bem uma amostra das suas aulas magistrais. Que Deus lhe pague.

Ouve-se de novo o grupo polifónico a executar o «Ó Santíssima» e em seguida um Seminarista declama duas poesias intituladas: «O Menino Jesus brincando», de Augusto Gil, e «Ó Gloriosa Senhora do Mundo», de Gil Vicente, pelo que foi muito aplaudido.

Como último número da sessão, representou-se uma pequena peça de gosto popular, em homenagem à Virgem, da autoria do Rev. P. José Francisco Viçoso Freire.

Pôs termo à sessão S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Cónego Vice-Reitor que agradeceu aos organizadores e colaboradores da sessão, em especial, ao Senhor P. Francisco Wakkers e ao Senhor P. Viçoso que disse ser uma esperança, pois é já a terceira peça que apresenta em público e sempre muito apreciado.

VAMOS SALTAR A FOGUEIRA!

Coisa extraordinária e fora de todo o comum, mas de facto deu-se.

É anunciado aos Seminaristas que os que quiserem podem, às 22 horas, ir para a cama, os outros iriam com os Superiores, passar as últimas horas da véspera do dia da definição do dogma da Assunção, em volta da fogueira. Assim foi que pelas 21 horas da terça-feira, 31 de Outubro, numa das clareiras da nossa quinta, com a comparência da quase totalidades dos Seminaristas e dos Superiores, se acendeu uma grande fogueira, para ao calor desta, aquecermos mais os nossos corações, comungando nos sentimentos de toda a cristandade.

A Virgem Maria Senhora Nossa era o alvo dessa reunião nocturna, verdadeira velada de armas dos nossos corações enamorados. Rimos, jogámos, cantámos e rezámos à Virgem, pelo Papa, pelos Bispos, pelos cristãos, pelos infiéis, pelos herejes e pelas pobres almas do purgatório. Afinámos, numa palavra, a tecla da nossa sensibilidade, dando largas aos sentimentos de ternura e amor de que o nosso coração se achava repleto e a transbordar. Presidiu *à fogueira de Maria*, o Senhor Cónego Vice-Reitor, e o ambiente misterioso da noite a todos nos envolvia, despertando em nós toda a espécie de manifestações em honra e louvor da Nossa Augusta Padroeira.

Terminado este fogo de conselho, cada qual fazendo o seu exame de consciência, se dirigiu ao seu quarto e em breve embalados por doces recordações e lembranças da Virgem, descemos a vale de lençóis onde nos não foi difícil passar às regiões inóspitas do reino de Morfeu.

O GRANDE DIA

Já a manhã se fazia anunciar pelos raios de luz que despontavam dos lados de Alcochete, quando se ouve ao de longe uma suave melodia que a pouco e pouco nos trouxe de novo à realidade da existência; cantava-se o «Ó quam glorifica luce coruscas», hino muito antigo da devoção a Maria. Assim apetece acordar, e até é mais doce e mavioso o despertar assim, que ao som do «Danúbio Azul». Era este excepcionalmente o toque de levantar ou de alvorada, no dia da Virgem da Assunção.

Depois de breves minutos, já preparados para entrarmos no templo de Deus e de Maria Sua Mãe, descemos à Capela onde a uma só voz e num só coração entoámos as grandes antífonas de Nossa Senhora — «Avé Regina coelorum», «Alma Redemptoris Mater», «Salve Regina» e «Regina coeli laetare, Aleluia». Depois de fervorosa meditação, começou a Missa *Solene*, que *solenemente* cantámos em gregoriano puro e bastante expressivo dos nossos sentimentos. O Ofertório *solene* foi bem a expressão da nossa doação, o pão, o vinho, a água e velas bem acesas. A Comunhão não foi mais que receber de Deus as nossas ofertas já transubstanciadas. Recebemos o Filho de Maria e Ela fez connosco a acção de graças.

No refeitório, onde em seguida entrámos a tomar o pequeno almoço, lá estava em lugar de destaque a Imagem da Senhora da Assunção, tendo por fundo as duas bandeiras, a de Portugal e a do Papa; rodeada de vasos ornamentais, muitas flores espalhadas, e até um tapete feito de pétalas de dálias com os seguintes dizeres: «Assumpta est Maria in coelum». O conjunto era iluminado por dois potentes projectores que davam nova vida ao quadro.

— Momentos antes de se dar início às cerimónias em Roma, reunimo-nos todos num dos anfiteatros, para lá ouvirmos a transmissão que a Rádio-Renascença faria. Acompanhámos em espírito as cerimónias, cantando quando eles cantavam, rezando com os que em Roma rezavam, e como eles, de joelhos, ouvimos as palavras solenes e majestosas do glorioso Papa

Pio XII definindo o dogma da Assunção em corpo e alma ao Céu dAquela que é a Imaculada Conceição.

A OITAVA

Pelo espaço de uma semana celebrámos em oitava, as glórias de Maria, que não deixará de lançar a mãos cheias, as suas graças sobre os seus Seminaristas de Cristo-Rei.

Nossa Senhora da Assunção, rogai por nós.

O CRONISTA

IMAGENS — MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS

E

TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

Casa fundada em 1866

SOUSA TAVARES, L.DA

220 — RUA AUGUSTA — 222 Telefone 2 7757 LISBOA

Pratas de arte, jóias, bronzes artísticos, pratarias para o Culto

realizadas pela célebre
OURIVESARIA ALIANÇA
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.

Fornecem-se orçamentos

Preços módicos

OURIVESARIA ALIANÇA

Celestino da Motta Mesquita

Proprietário

Sede:

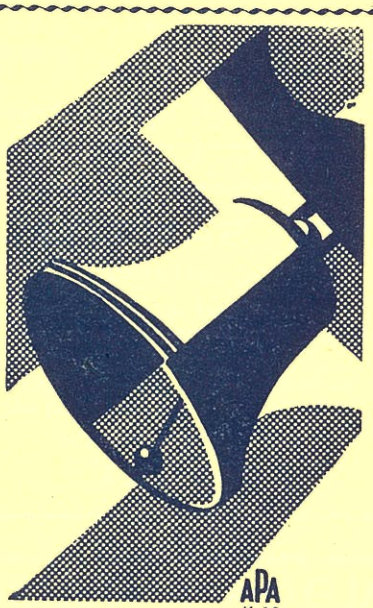
Rua das Flores, 191 a 211

PÔRTO

Filial:

Rua Garrett (Chiado), 50

LISBOA



NÃO SE ALARME

COM O INSUCESSO, NEM COM A COMPLICAÇÃO DA TÉCNICA FOTOGRÁFICA A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO SEU GÉNERO EM TODO O MUNDO TEM ESTUDADO E RESOLVIDO OS MAIS COMPLEXOS PROBLEMAS PARA OS PÔR FÁCILMENTE AO SEU ALCANCE
CONSULTE

Kodak

KODAK LTD - RUA GARRETT

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

Rua da Vitória, 82 a 88 — **Rua do Ouro, 166 a 170**

Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha — Lustres — Lâmpadas — Lanternas — Placas — Castiçais

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços-Exclusivos
Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS A PRAZOS

COVILHÃ

CASA PORTUGUESA

Grandes oficinas gráficas

Composição mecânica

RUA DAS GÁVEAS, 103

TELEFONES P. B. X. 21271-27817

LISBOA

ALELUIA & ALELUIA

FÁBRICAS ALELUIA

Azulejos brancos e pintados.
Louças sanitárias,
artísticas e domésticas.
Painéis com imagens

Telef. P.B.X.-22 — *AVEIRO*

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

Assinaturas pagas directamente

Dr. João Ulrich

P.e José Nunes do Casal

D. Raquel Perestrello de Vasconcelos

D. Maria Henriqueta Perestrello de Vasconcelos

TOSSE?

